

Brais Oss

O IMPOSSÍVEL

Ele pode realizar



Canção Nova

EDITORA



Brais Oss

O Impossível

Ele pode realizar



COORDENADORA EDITORIAL: Jocelma Cruz
ASSISTENTE EDITORIAL: Marcelo Luiz Bermejo do Amaral
CAPA E DIAGRAMAÇÃO: Tiago Muelas Filú
PREPARAÇÃO: Tatianne Aparecida Francisquetti
REVISÃO: Patricia Bernardo de Almeida
Diagramação digital: i9 Design / Claudio Tito Braghini Junior

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa

EDITORA CANÇÃO NOVA
Rua São Bento, 43 - Centro
01011-000 São Paulo SP
Telefax [55] (11) 3106-9080
e-mail: editora@cancaonova.com
vendas@cancaonova.com
Home page: <http://editora.cancaonova.com>
Twitter: @editoracn

Todos os direitos reservados.

ISBN: 978-85-7677-354-2

© EDITORA CANÇÃO NOVA, São Paulo, SP, Brasil, 2013

*Dedico este livro a Monsenhor Jonas Abib e a Dom Alberto
Taveira Corrêa, pela paternidade espiritual.
Dedico-o, também, à minha mãe, dona Maria; à Virgem Maria,
nossa mãe e Mãe de Deus; à minha esposa, Renata,
e à minha filha, Sophia, as mulheres da minha vida.*

Apresentação

Superação. Como é bom ouvir, ver, presenciar situações e conhecer pessoas que experimentaram na pele esse processo intermitente da vida. Apresento este trabalho com uma profunda alegria, pois sou testemunha ocular do que Deus já fez na vida deste amigo e irmão, Brais Oss. Quando o conheci, logo percebi que se tratava de um homem em processo de restauração, tanto física quanto emocional, incluindo sentimentos, comportamentos e atitudes. Hoje, depois de anos de profunda amizade e maravilhosas partilhas, me regozijo com cada nova inspiração que Deus lhe concede, pois elas são experiências de extração do sumo da misericórdia divina em sua vida. Certamente, este livro trará a muitos a certeza de que *O Impossível Ele Pode Realizar*. Prepare-se para que essa certeza invada seu coração e o faça viver, de fato, a maior aventura de sua existência: a conversão. Acredite, existe um plano de Deus para sua vida, pois Ele não desiste de ninguém.

DUNGA

Comunidade Canção Nova

Palavras iniciais

Permita que eu me apresente.

Sou Brais Antonio Oss, um caipira natural de Vila Valério – ES. Tenho 43 anos e sou o nono filho, de onze, de uma família simples de agricultores católicos.

Desde criança, a arte sempre esteve presente em minha vida. Isso certamente contribuiu para que eu me tornasse o que sou hoje: músico instrumentista, compositor, cantor, produtor musical e pregador do Evangelho.

Sou um homem de família, casado com Renata Coelho Caldas Oss, pai de uma filha – Sophia Caldas Oss – e membro da Comunidade Católica Canção Nova.

Este livro é, basicamente, minha vida, e eu convido você, leitor, a entrar, ficar e sentir-se bem à vontade.

Por meio de fotos e de detalhes das minhas próprias confissões, você será levado(a) a um verdadeiro bate-papo comigo.

Espero que esta leitura seja, para você, tão prazerosa quanto me foi o processo de escrita. Sinta-se em casa.

Cachoeira Paulista – SP, inverno de 2012

O começo de tudo

Primavera, 26 de setembro de 1969. Era uma sexta-feira, e os Beatles estavam lançando o álbum *Abbey Road* no Reino Unido. Em outro continente, mais precisamente no Brasil, em um lugarzinho chamado Córrego Solidão, no distrito de Vila Valério, cidade de São Gabriel da Palha, ES, uma casinha de estuque, ou pau a pique, abrigava um humilde casal de agricultores e seus oito filhos. Oito até aquela sexta-feira. No sábado, o número já seria maior.

Católicos, iam juntos à missa aos domingos e festas, como costume. Eram unidos e viviam uma vida simples e cheia de esperanças.

Na casa, não havia luz elétrica nem água encanada. O banheiro era, basicamente, constituído de uma “privada”, e nem jornal tinha. Minha mãe sempre falou que éramos todos muito felizes e que, em meio às dificuldades da vida, Deus sempre garantiu que não nos faltasse o essencial.

Bom, se a mãe falou, está falado... Mas eu tenho lá minhas dúvidas.

Apesar do Reino Unido estar em polvorosa com o lançamento do décimo segundo disco daquela que seria uma das maiores bandas de todos os tempos, aquela era, para a família, uma tarde de sexta-feira comum.

Ou seria, se a mãe não estivesse prestes a ter um bebê.

– Pai! – o grito surgiu de repente e quebrou a tranquilidade típica do interior. – O bebê vai nascer, chama a parteira! Corre!

E lá se foi o pobre agricultor, às pressas, montado em seu pangaré, buscar dona Rondina, a parteira.

A confusão, enquanto isso, reinava na casa. Os meninos e meninas (meus oito irmãos) e o Nonno (vovô), falavam todos ao mesmo tempo, sem contar os barulhos do Fiel (o cachorro), do gato (que era só gato, mesmo. Gato, na roça, normalmente não tem nome) e do Loro (o papagaio).

– Será que vai ser homem ou mulher? – alguém perguntou.

– Será que vai morrer, também, ou vai nascer vivo? – questionou outro.

– Cala a boca e reza, menino! – respondeu a irmã mais velha.

– E o nome? Qual será o nome?

Essa era a única das perguntas que já tinha resposta. A mãe já determinara que, se nascesse um homem, seria chamado de Brais Antonio Oss. Brais em homenagem a São Brais, porque o Toninho (um dos meus irmãos) não morrera engasgado ao engolir, um dia, um osso de galinha. Antonio porque o pai era devoto de Santo Antônio. E Oss porque diz a convenção que temos que colocar na criança o sobrenome do pai. Portanto, Brais Antonio Oss. Eu.

Os gritos das crianças enchiam o ambiente, quando uma outra voz se elevou e se destacou das demais:

– Seu Honório, traz a água quente e os panos molhados, porque o bebê está chegando! – era a voz da parteira, avisando que não faltava muito para o número de crianças da casa chegar a nove.

Logo escutou-se, lá de dentro do quarto, um choro de bebê, seguido do esperado anúncio:

– Nasceu! É homem, seu Honório. – avisou a parteira, o que só serviu para aumentar o volume dos berros da criançada e para transformar a expectativa em uma grande comemoração.

Coitado do pai.

Ué. Coitado? Coitado, por quê? Coitada mesmo daquela outra dona, a dona Maria Nícia (minha mãe) que, cheia de medos e dores acabara de, pelas mãos de dona Rondina, dar à luz seu nono filho.

E esse mesmo filho, quarenta e dois anos depois, faria-se escritor e narraria sua própria vida por meio de confissões, fatos e fotos, em um livro recheado de contos, de prosa e poesia.

Umas palavras

Viver!

E não ter a vergonha de ser feliz.

Cantar e cantar e cantar

a beleza de ser um

eterno aprendiz.

(“O que é, o que é” – Gonzaguinha)

Assim diz a canção. Mas o que é essa tal felicidade? O que é ser feliz?

Traduzo por felicidade tudo aquilo que fica guardado na memória do coração e que às vezes nos faz até chorar. Chorar de alegria, dor, tristeza ou saudade. Afinal, saudade é saudade, e como diz o poeta Nelsinho Corrêa:

Só se tem saudade

do que é bom.

Se chorei de saudade não foi por fraqueza.

Foi porque amei.

(“Saudade” – Nelsinho Corrêa)

Até mesmo Jesus chorou diante da notícia da morte de Seu amigo Lázaro, como vemos no Evangelho: “Jesus teve lágrimas” (Jo 11,35)¹. E, se até Jesus chorou, eu pergunto: por que algumas pessoas ainda insistem em esconder os sentimento e em demonstrar dureza diante de situações capazes de emocionar ou de causar dor e saudade?

Certa vez publiquei um artigo no qual escrevi saudade com /, e logo vieram as críticas dos amantes do português correto.

A palavra saudade é um termo tão complexo quanto o sentimento que representa, para o qual nem existe tradução². Ao mesmo tempo, ela pode ser doce ou salgada, alegre ou triste, uma miscelânea de sentimentos difícil de definir. Sei que nem de longe isso é uma justificativa para meu erro, mas não lhe parece que, mais importante do que julgar um lapso ortográfico ocasional, deveríamos nos preocupar com a negligência do sentimento em si? Por que as pessoas tentam minimizar a saudade, quando ela é a comprovação de que amamos e fomos felizes? Isso é um erro grave.

Quanto ao meu erro, não o nego. Mas sou um humano, passível de erros, que aprende constantemente com os detalhes da vida.

Os detalhes? São oportunidades únicas de sermos felizes pelas pequenas coisas, sendo autênticos.

E os erros? Perdoemos os erros. Errar é a melhor forma de aprender na prática, e pode ser mais um presente da vida, para vermos no espelho o que realmente somos e sermos felizes, assumindo nossas misérias e confessando-as a Deus, a nós mesmos ou aos outros.

“Se reconhecemos nossos pecados, então Deus se mostra fiel e justo, para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça” (1Jo 1,9).

Você pode ser feliz como você é, basta acreditar.

O vendedor de sonhos

Eu estava em frente a uma livraria de São Paulo, em plena avenida Paulista, observando da calçada os livros que, por mérito, repousavam confortavelmente na vitrine.

Romances, crônicas, poesias. Histórias reais e fictícias gravadas em papel, sonhos transcritos por seus autores, famosos ou desconhecidos, mas realizados em seus sonhos de chegarem a ser artistas da literatura.

Em meio aos barulhos da rua, eu me perguntava quais seriam suas origens, suas histórias, os caminhos percorridos que os levariam a ser imortais na memória de seus leitores e nas páginas de suas obras.

No interior da loja, uma TV exibia um filme com uma trilha sonora que me arremessou às minhas lembranças e desencadeou uma saudade das minhas origens tão intensa que, por um instante, quase se traduziu em lágrimas. Como se o tempo parasse, não percebi mais nada ao meu redor e, prestando atenção à letra da música que tocava, me vi. Vi, naquela canção, um pedaço da minha história. Na letra da trilha sonora do filme que despercebido passava na TV no interior da loja e narrava na íntegra a minha história.

*Eu nasci naquela serra,
num ranchinho beira chão,
tudo cheio de buraco,
donde a lua faz clarão.
Quando chega a madrugada,*

lá no mato, a passarada principia um baruião.

(“Tristeza do Jeca” – Angelino de Oliveira)

Enquanto a música tocava, vi um menino, um vendedor de picolés, que passava entre as pessoas na calçada, e ouvi seu grito.

Ele seria o responsável por retirar, do baú trancado da memória, mais um capítulo do livro da minha vida.

– Olha o picolé! – gritava o menino, sobrepondo-se à balbúrdia urbana.

Era um grito que mais se parecia como um *outdoor* que dizia: “Por favor, me ajudem a levar o almoço de amanhã para minha casa”.

– Ei, moço, compra um picolé para refrescar o seu dia.

Olhei para ele, dei e ganhei um sorriso e comprei um picolé. Distraído, saí caminhando com ele e começamos a conversar em meio ao caos característico da poética avenida paulistana.

– Sabe, garoto, quando eu era menino, como você, eu também vendia picolés.

– “Larga mão, tio”. – respondeu, cético. – Como um vendedor de picolés, como eu, pode se transformar em um homem engravatado, como o senhor?

– É que, além de vender picolés, eu vendia sonhos.

– Como assim? O senhor também já vendeu mesmo picolés? – ele perguntou, agora demonstrando surpresa.

– Sim, picolés, limão, laranjas, ferro velho e sonhos. – eu listei, e comecei a contar essa parte da minha história. – Eu tinha uns oito anos. Na verdade, eu comecei com sete anos, quando descobri que podia ganhar um dinheirinho honesto, assim como você, e começar a trilhar um caminho de sucesso para o futuro.

Quando eu era pequeno, era o responsável lá de casa por comprar pão toda manhã. Certo dia, ao passar por uma construção,

uns moços que trabalhavam lá me pediram para comprar uns sonhos para eles.

– Espera aí. – o garoto interrompeu a narrativa, desconfiado. – Sonhos?

– Sim, mas eram sonhos de padaria. – expliquei.

“Eu disse para aqueles homens que eu compraria, sim, mas eles teriam que pagar um para mim. E foi assim que começou meu primeiro negócio: eu comprava dez sonhos, cobrava uma comissão de dois, comia um e vendia o outro.

“Desse pequeno trabalho nasceu a ideia para meu próximo empreendimento, que foi vender picolés, como você. Só que, junto à caixa de picolés, eu levava, também, os sonhos. Sem falar nos pedaços de ferro velho que tinha na construção, e que eu descobri que também poderiam garantir alguns trocados.

“Com passar do tempo, minha mãe me disse que, se eu quisesse, poderia ajudar a melhorar meu negócio, e isso muito me interessou. Ela me instruiu a comprar trigo e óleo, para ela fazer umas casquinhas que eu poderia vender junto aos sonhos e picolés para os moços das construções.

“Foi minha mãe quem sempre me impulsionou a nunca deixar de sonhar e a não ter medo de expor meus sonhos a Deus e a quem interessasse saber deles.

“Assim foram os primeiros passos da carreira de sucesso de um menino, como você, que nunca deixou de sonhar e de vender seus sonhos para as pessoas.

“Hoje, este cara engravatado, como você disse, é um músico profissional, que já gravou CDs, DVDs, é casado, trabalha em uma televisão, e mais um monte de outras coisas.

“Se você quiser pode fazer desta história a sua, é só ter força de vontade, ser sempre honesto, conversar sempre com Deus, nunca desistir, nunca parar nas dificuldades ou barreiras que aparecem ao

longo da vida e saber que o futuro é para quem tem coragem de voar alto e de nunca deixar de sonhar.

“Nos negócios ou em um empreendimento, uma única coisa é certa: em algum momento, algo vai dar errado. Se você decidir parar no erro, saiba que seu negócio ou empreendimento acabou.

“Se optar por recomeçar, verá que, por ter errado uma vez, será mais fácil acertar. É só não repetir o erro, e você será um grande empreendedor.

“Dentro da palavra ‘impossível’, está o ‘possível’, e, além de tudo isso, existe um versículo na Bíblia, um dos meus prediletos, que nos dá a confiança que precisamos para tentar sempre uma vez mais: ‘Pois para Deus nada é impossível’ (Lc 1,37).

“Nunca desista de seus sonhos e nunca deixe de acreditar em si mesmo, porque Deus sempre vai acreditar em você. Não esqueça, no entanto, que Ele nunca fará por você o que você pode e deve por si mesmo.

“Ele sempre irá abençoá-lo. Acredite, seja sempre honesto, faça sempre a sua parte, e Deus fará sempre a Dele. Nem sempre o Seu tempo é o mesmo que o nosso, mas lembre-se de que Ele não demora, Ele capricha.

“Seja feliz, hoje, com o pouco que você tem e faz, porque o futuro a Deus pertence, apesar de você poder ajudá-Lo, fazendo sua parte, não desistindo e alimentando sua fé.

“Para chegar onde cheguei, precisei recomeçar três vezes minha vida e meus negócios. Mas essa é uma outra história.

Despedi-me, entrei no meu carro e, pelo retrovisor, vi uns capítulos da minha vida passando como um filme de curta metragem, protagonizado por aquele menino, que já seguia seu caminho.

Se ele acreditou na minha história, eu não sei, mas espero que ele acredite em si mesmo.

Eu sempre acreditei em mim, porque sei que Deus também o fez desde meu nascimento. E hoje eu me orgulho porque não tive medo de vender sonhos e de sonhar com o futuro.

Outras palavras

No teatro da vida, mesmo em meio a um caótico roteiro, que mais parece uma tragédia, é possível sorrir. Mesmo diante da dor de uma perda, podemos acreditar que tudo concorre para o bem daqueles que amam verdadeiramente a Deus e acreditam que, em todas as situações, Ele pode nos trazer um bem maior.

Mas, para que isso aconteça, é preciso buscar e colher a essência dos detalhes, mesmo quando eles parecem apenas uma nota desafinada em meio a uma clássica sinfonia perfeita.

As adversidades naturais e dificuldades que a vida nos apresenta, quando vistas pelo olhar otimista e corajoso de quem não vai desistir na primeira barreira, se transformam em uma rica fonte motivacional. Esses desafios, como em um passe de mágica, transformam-se em vitórias, para serem somadas às lutas que vencemos contra os capítulos de infelicidade do roteiro da vida.

Travar uma batalha com um objetivo focado na busca da felicidade nos mostra que o sofrimento é inevitável, mas permanecer nele é opcional.

Mesmo sabendo que era o Filho de Deus, Jesus também teve vontade de desistir. Mas, ao levantar a cabeça, olhou para o Céu e seguiu Seu objetivo, mesmo com plena consciência de que, para alcançá-lo, teria que passar pela dolorosa morte na cruz. Contudo, obedecendo e acreditando no Pai, Ele venceu a cruz e ressuscitou ao terceiro dia.

Qual cruz o amedronta hoje?

Você também é um(a) filho(a) de Deus, por isso, levante a cabeça, olhe para o Céu, busque o Pai e não desista de seu objetivo de ser feliz.



O primeiro par de Kichutes de
Brais Oss.

Sonho de menino

*“No meio do caminho tinha uma pedra,
tinha uma pedra no meio do caminho.”*

Carlos Drummond de Andrade

Sempre fui um sonhador, desde menino, e quase tudo que construí ao longo dos meus 43 anos foi, antes de tudo, sonhado, planejado e transformado em metas. As metas culminariam no objetivo que eu pretendia alcançar.

Lembro que cheguei a ir descalço para a escola por não ter um calçado só meu. Entre os muitos sonhos que tinha naquela época, estava o de ter um tênis *Kichute*³ ou um *All Star*⁴ só meu. Somente quando passei para a quinta série, vi que isso estava bem próximo de acontecer.

Eu devia ter uns dez anos e, em meus planos, tudo já estava certo: minha mãe me daria um *Kichute* ou um *All Star* para ir para o ginásio⁵.

Sonhava com esse dia com uma expectativa enorme, mais acabei sendo frustrado. O motivo, ou pedra no meio do caminho, como preferir chamar, era um *Conga*⁶ da minha irmã mais velha. Em casa, costumávamos partilhar não somente os pães, mas também calçados, roupas e outras coisas, e eu fui premiado, nesse caso, porque usava exatamente o mesmo número de calçados que minha irmã. Conclusão, mesmo detestando os *Congas*, e contra minha vontade, tive que usá-los por muito tempo, até o dia em que decidi, por conta própria, dar um fim a esse episódio. A partir do

momento em que decidi fazer isso, o caso deixou de ser apenas uma situação adversa, uma frustração pessoal, para tornar-se um combustível motivacional, que me impulsionaria a reverter o problema e a conquistar o que eu desejava.

Comecei então a observar que todas as pedras no caminho, todas as montanhas que surgiam em minha vida, sempre tinham um outro lado que normalmente eu não conhecia. Do lado em que eu estava, via uma barreira, mas, se eu conseguisse atravessá-la, talvez encontrasse algo muito bom do outro lado.

Percebi, nessa época, que medos, fantasmas do passado, ou até traumas, poderiam ser transformados em motivos para me aventurar a procurar o outro lado, como um alpinista. Mas, para isso, eu precisaria vencer os medos que insistiam em me dominar e me faziam perder as oportunidades de aprender a *transformar barreiras e diferenças em realizações e vitórias*.

Tive que pensar indutivamente, partindo da visão geral para a específica e usando, sem conhecer, a teoria do Dr. Paul Stoltz⁷, autor do Quociente da Adversidade (QA)⁸. A teoria de Stoltz me lembra, ao mesmo tempo, um dos maiores poetas e um dos maiores compositores e cantores do Brasil: Carlos Drummond de Andrade e Roberto Carlos.

*No meio do caminho tinha uma pedra,
tinha uma pedra no meio do caminho
(Carlos Drummond de Andrade)*

*Toda pedra no caminho,
você pode retirar
(Erasmoo Carlos e Roberto Carlos)*

Se entendermos e aceitarmos que as pedras nos nossos caminhos são adversidades naturais do trajeto que precisamos

percorrer em nossa existência, e não pararmos nas barreiras que surgirem em nossa vida, aprenderemos a superar os problemas sem nos abater. Precisamos analisar, valorizar e desenvolver nossa competência emocional, para nos tornarmos alpinistas capazes de escalar e, mais do que isso, remover montanhas. Não é impossível; basta buscar a força interior, que só Deus pode dar e alimentar.

“Que ele te conceda o que teu coração deseja, dê sucesso a todo projeto teu” (Sl 20,5).

Compreendendo a teoria do Dr. Paul Stoltz, a poesia de Drummond de Andrade e a música do Roberto Carlos, podemos entender o que o próprio Jesus Cristo disse:

“Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai senão por mim” (Jo 14,6).

“Pois para Deus nada é impossível” (Lc 1,37).

Se assim o fizermos, obteremos não somente a cura para as feridas do nosso coração, mas acharemos a fórmula exata que nos levará à felicidade e à realização pessoal. De acordo com os desígnios de Deus, seremos bem-sucedidos na vida.

Para mim, foi até simples escalar aquela montanha e tirar do caminho aquela pedra chamada *Conga*.

Não foi difícil chegar à conclusão de que vivemos em um meio capitalista, e, como eu não tinha em mente ninguém que poderia se dispor a me doar um par de *Kichutes* ou de *All Star*, juntei dinheiro vendendo picolés, limão, ferro velho e sonhos e comprei meu próprio par de *Kichutes*, de *All Star*, de botas e outros.

Não foi fácil ter os meus próprios *Kichutes*, e, só de lembrar, dá até vontade de chorar. Mas só chorar diante das dificuldades ou frustrações que se apresentam a nós ao longo da vida não resolve o problema, nem traz a cura interior que precisamos para sarar nossas feridas, carências ou qualquer outra situação dolorosa de nosso passado.

Eu nunca fui de parar nas dificuldades.

Mesmo que já O conhecesse, ainda não O experimentara, mas, mesmo assim, de uma forma ou outra, sempre busquei em Jesus Cristo e em mim mesmo forças para fazer o que eu nem sabia que podia. Mas fiz e continuo fazendo.

Hoje, mais do que nunca, eu sei que ainda que no meio do caminho tenha uma pedra, tenha uma pedra no meio do caminho, eu posso retirá-la. Sem esquecer que antes mesmo do poeta escrever e do compositor cantar, Jesus disse:

“Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai senão por mim” (Jo 14,6).

A tristeza do jeca

Meu pai era tropeiro quando novo e, ao se casar com minha mãe, teve seus dias mudados pelos compromissos e ofícios de ser um pai de família. Sanfoneiro, viu com o passar do tempo a tropa de mulas ser transformada em um pequeno rancho, onde ele plantava e colhia nosso sustento. Eu era ainda bem pequeno, tinha cerca de três anos, mas lembro como se fosse hoje das noites em que ele ficava na cozinha com piso de terra batida, próximo à taipa do fogão, rodeado pelos seus nove filhos e com sua sanfona 80 baixos no colo, tocando a “Tristeza do Jeca”, “O Chico Mineiro” e a “Romaria”.

Talvez tenham sido aquelas noites de sanfona solitária junto ao clarão da Lua, lá no interior, as responsáveis por aplicar em minhas veias e coração o desejo de, um dia, tocar um instrumento. Desejo que, anos mais tarde, me tornaria um músico conhecido no Brasil e no mundo.

Os anos passaram e, meu velho pai, de agricultor no campo, virou um vigilante noturno de uma escola na cidade grande, e os seus nove filhos agora eram onze.

As noites de sanfona na roça viraram noites passadas em claro, com um apito entoado de hora em hora que sempre emitia a mesma nota agressiva aos seus ouvidos.

Em algumas noites, ele quebrava a regra do seu ofício e me levava para fazer companhia e espantar a solidão e a saudade das noites alegres no campo. Até a luz, ali na cidade, era diferente: os

postes roubavam a beleza da luz natural da Lua e do céu pontilhado de estrelas.

Muitas vezes, ele disse que tinha saudade dos tempos lá na roça e, não demorou muito, Deus o chamou e o levou para Ele.

Fui eu quem o achou morto, em uma manhã de folga. Ele foi vítima de um ataque cardíaco fulminante, que o atingiu enquanto carpia com sua velha enxada um quintal, para lembrar os tempos no campo – seu tesouro. Eu tinha dez anos e o encontrei caído com o rosto no chão, sujo de terra e abraçado ao cabo da enxada.

Durante muito tempo, aquela seria a cena mais triste que meus olhos haviam visto e minha memória guardado, até o dia em que, rezando, Deus me disse que seu Honório Oss morrera de uma forma digna de um herói, ao tentar recuperar o passado que lhe era tão precioso.

Dele eu trago no coração a lembrança e a saudade das noites simples e enluaradas, com seus acordes solitários e melodias mascaradas ou chutadas no teclado, agarrado ao fole da sanfona e na companhia do cantar das aves noturnas, dos grilos e do vento.

É, a saudade dói. Mas só se tem saudade do que foi bom.

Hoje, crescido e com 43 anos, também sou pai, e em meus cabelos já se encontram fios embranquecidos pelo passar do tempo.

Por influência das melodias mascaradas de seu Honório Oss na sua velha sanfona, eu me tornei músico profissional aos dezesseis anos de idade.

Os palcos viraram ambiente de trabalho e as estradas de chão batido, lá da roça, se transformaram em grandes rodovias asfaltadas e vias aéreas.

Quantas barreiras precisei enfrentar para chegar até minha idade atual... Cruzei com muitas pedras pelo caminho, mas também com muitas rosas. Acho que já cruzei pelo menos metade da estrada da vida.

Hoje, ainda tenho a Lua como amiga nos palcos da vida, nos luaus pelo Brasil e pelo mundo afora. Algumas vezes, eles estão acompanhados por grandes luzes, holofotes, potentes sistemas de sonorização, entre outras coisas, mas nada tirará da minha mente e do coração a lembrança, a influência e a importância das noites enluaradas no ranchinho beira chão da serra em que nasci, onde ainda hoje a passarada principia seu barulhão na madrugada.

Ê saudade! Qualquer dia desses, eu volto lá pra matá-la e para dizer o quanto a vida é bela e o quanto nos ensina com o tempo.



1978 - Desfile do concurso "Príncipe da Primavera". Ginásio poliesportivo da cidade de Linhares (ES).

O príncipe da primavera

Muitas vezes adquirimos traumas em nosso passado que acarretam consequências negativas no presente. Muitas vezes não compreendemos, mas algumas de nossas atitudes, hoje, são reflexos de situações vividas ontem, na maioria das vezes durante a infância e juventude.

Relendo umas páginas do caderno de minha vida, encontrei a história do príncipe da primavera. Durante muito tempo tentei arrancar essas páginas desse caderno, mas arrancá-las significaria apenas removê-las de um lugar para outro, e isso não resolveria os traumas e as dores deixados por elas.

Então, já que de todo mal Deus pode tirar um bem maior, o que fiz foi procurar, em um âmbito espiritual, a parte boa dessas páginas, ou seja, o bem maior do Senhor. Doeu fazer isso, mas precisamos buscar em Deus a cura interior do nosso passado para podermos viver bem o presente e planejar o futuro.

Era setembro de 1978.

Eu tinha nove anos e cursava a terceira série do primário. Naquele mês, tínhamos na escola o desfile para a eleição do príncipe da primavera.

Lembro de ter me sentido imediatamente alegre e motivado quando ouvi a professora dizer que todos os meninos poderiam participar do desfile, que aconteceria no ginásio de esportes da cidade, e concorrer ao título de príncipe da primavera.

Minutos depois, minha motivação foi abalada e a alegria se transformou em tristeza, porque a professora começou a explicar

quais eram as regras do concurso. A adversidade surgia.

O problema era que os candidatos, além de desfilar (o que já seria uma barreira para mim, pois eu precisaria de roupa e sapatos novos, além de vencer a síndrome do patinho feio, pobre etc.), teriam que vender os votos que elegeriam o príncipe: quem vendesse mais votos seria o vencedor. Infelizmente, isso ainda acontece em algumas escolas públicas do Brasil, e eu, pessoalmente, acho isso um absurdo.

Bolei um plano para encarar de frente e de cabeça erguida aquele desafio, escalar as barreiras que se apresentavam e conquistar meu objetivo: ser o príncipe da primavera naquele ano.

Antes de mais nada, eu teria que vencer o medo de desfilar em meio aos outros concorrentes e em frente a todas aquelas pessoas que estariam no ginásio de esportes para assistir à competição. Para isso, precisava vencer a síndrome de patinho feio que eu tinha, e isso era algo que só dependia de mim. A oportunidade de impressionar a garota pela qual eu era louco de amores foi o combustível refinado para conseguir tal feito. Mas isso é uma outra história...

Depois, eu teria que vender as cartelas de votos. Achei que essa parte seria fácil, porque se eu não conseguisse vender em casa ou para os vizinhos, venderia picolé e sonhos e eu mesmo compraria os votos. Como somente quem vendesse uma cartela inteira teria o direito de desfilar, foi o que fiz: vendi meia cartela e o resto eu mesmo comprei, conquistando, assim, o direito de participar da competição. Parte do objetivo era: se eu não ganhasse o título de príncipe da primavera, pelo menos eu desfilaria. Para mim, isso já seria uma vitória, mas o objetivo era mesmo ser o príncipe.

Vendi a cartela e desfilei. Mas nem lembro em qual lugar fiquei na disputa, só sei que não fui o primeiro, segundo e nem o terceiro. Não fui o príncipe da primavera naquela noite.

Muitas coisas aprendi com aquela situação aparentemente catastrófica que nunca esquecerei. Sem dramatizar, afirmo que o desfile me deixou uma cicatriz na memória, mas só o fato de poder provar para mim mesmo e para todos os presentes que eu era capaz de estar ali já era o maior pagamento que eu poderia ter esperado. Aquele episódio serviu de combustível e aprendizado para os muitos desafios que surgiriam no futuro.

Só Deus e eu sabemos quanto me custou estar naquele abençoado desfile e quantos picolés e sonhos vendi para pagar aquela mísera cartela de votos para ter a chance de concorrer na disputa.

Incalculável foi aquele ato de coragem que tive, ao desfilar descalço porque não tinha um sapato. Não desfilei de camisa, cueca e calças novas e de marca, mas tudo bem, porque foi a dona Maria, minha mãe, quem as confeccionou em sua máquina de costura caseira. Foi ela quem desenvolveu, para mim, aquela grife particular e exclusiva, com muito amor e carinho. Ela me disse que não era uma roupa qualquer, era a roupa do *seu* príncipe da primavera.

Ninguém lá de casa foi assistir ao desfile do candidato a príncipe que desfilou descalço, ninguém pôde sentir o que senti quando vi que eu não tinha torcida organizada na plateia e ninguém me viu chorando no banheiro do ginásio no final de tudo.

Ninguém?

Engano meu, Deus viu. Viu e falou comigo naquele dia, porque em meio a toda confusão pós-desfile, apareceu uma mulher, que eu nunca consegui descobrir quem era, e disse algumas palavras das quais eu nunca vou esquecer:

“Meu filho, não chora, não, eu sei de todo esforço que você fez para poder desfilar hoje. Saiba que mesmo sem ganhar o título de príncipe da primavera, você pode se considerar um príncipe, sim,

porque você tem muita coragem e, além disso, é um filho de Jesus Cristo. Ele é o Rei dos reis, portanto, filho de Rei, príncipe é.”

Ela me deu um sorriso, um beijo e sumiu.

Ao escrever este capítulo, não tenho dúvidas de que, naquela noite, Nossa Senhora falou comigo por meio daquela mulher.

Naquela noite, apesar de todo esforço e dedicação, não fui eleito o príncipe da primavera na escola nem fiquei sabendo se a garota que eu queria impressionar me vira. Por outro lado, pude descobrir que sou um grande guerreiro na luta do viver contra os desafios e adversidades, e um verdadeiro artista na arte de vencer barreiras. Mas, ainda mais importante do que isso, naquele dia descobri que eu era e que sempre serei um príncipe, pois sou um filho muito amado do Rei dos reis, nosso Senhor Jesus Cristo. Eu já nascera príncipe, e não só da primavera, mas do verão, do outono e do inverno.

A verdade é que somos todos príncipes e princesas, desde o início, porque nascemos filhos de um Rei e Pai que está no Céu e de uma Rainha e Mãe que sempre consolará nossas lágrimas junto ao Senhor.



*Final dos anos 80 - Braís Oss já se
destacava no cenário musical capixaba.*

Drogas — como entraram em minha vida

Verão de 1984. Eu tinha quinze anos e era um garoto como outro qualquer, mas já vivia bem exposto aos perigos do mundo.

Morava, não por opção, mas por ocasião, em um apartamento com mais uns amigos. Trabalhava de *office-boy* em um hospital na cidade de Linhares, em Espírito Santo.

Trabalhava durante a semana no hospital e, nos finais de semana, fazia “bicos” como garçom em clubes e festas na cidade. Devido a esses trabalhos na noite, acabei conhecendo muita gente e fazendo muitas amizades. Sempre comunicativo, vivia no meio da rapaziada.

Como adolescente, eu também tinha vontade de experimentar novas aventuras e sentir mais adrenalina, e em um dos fins de semana daquele verão, eu e alguns amigos combinamos de passar um final de semana na praia de Guriri, litoral norte do estado, na casa de um deles.

Quando cheguei à praia, já era noite, e foi meio difícil achar a casa. Perdido, acabei encontrando com outros amigos e indo para a casa de um deles.

Éramos oito, todos sem a companhia dos pais, mas somente eu era menor de idade. Na verdade, nem lembro de quem era a casa, só sei que eu estava lá, um garoto de quinze anos, sozinho no meio de jovens cheios de vontade de experimentar coisas novas.

Naquela noite, haveria uns *shows* com algumas bandas e um renomado cantor nacional: Lulu Santos. Tomamos umas “biritas” e fomos todos para o *show*. Eu era o mais novo da galera, e, entre aqueles *amigos*, havia uns quatro que eram barra pesada no quesito drogas.

A noite foi passando, os *shows* rolando, e, sem que eu percebesse como, lá estava eu bebendo e fumando maconha em busca de algo que, confesso, até hoje eu não sei o que era ou que gosto tinha.

Foi assim que experimentei maconha pela primeira vez; fumamos primeiramente em grupo e, naquela mesma madrugada, descolei um “baseado” com um dos jovens do grupo. Saí andando pela beira da praia, fumando, e acabei dormindo na areia e acordando no outro dia, quando o sol já raiava.

Jamais imaginara que fosse fumar maconha, pois eu tinha um propósito de não me envolver com drogas e álcool. Para mim, era uma questão de honra, de família.

Mas é sempre assim, já dizia São Francisco: *Diga com quem andas, que direi quem tu és.*

Depois de ter feito aquilo, me arrependi amargamente, e a verdade é que eu achava que nem efeito tinha feito sobre mim. Ficara tão “doidão” na noite anterior, que nem lembrava de nada no outro dia.

Mas se não tinha efeito, por que será que mais tarde eu acabaria querendo provar novamente?

Por que experimentei outras drogas?

Por que cheguei a gastar tudo que ganhava com meu suor com essa porcaria que nada é além do que o próprio nome já diz: “DROGA”?

O tempo foi passando, eu fui crescendo e, aos poucos, me envolvendo mais. Caí naquela onda de “não sou viciado, uso só de

vez em quando e nunca serei um viciado”. Com cigarro “branco” também foi assim.

Pior do que usar drogas, o que mais me dói, até hoje, era a “máscara” que eu precisava usar no dia a dia, tentando me passar por um “cara certinho”, mentindo para os outros, para mim mesmo e tentando mentir para Deus. A mentira é a maior “amiga e companheira” de um usuário de drogas.

Foram muitas as experiências negativas e grande a variedade dessas porcarias que experimentei desde aquele dia na praia, até os 28 anos de idade.

Não sei qual o seu nome, a sua idade, cor, sexo ou religião. Em nenhum minuto, enquanto escrevia, tive a intenção de apresentar essa parte de minha história como se fosse um troféu. Pelo contrário, eu gostaria de não ter nada para contar sobre esse tema; quisera eu estar escrevendo um capítulo que narrasse que nunca havia conhecido e experimentado nenhum tipo de droga. Mas essa é a minha realidade, minha verdade, minha história.

Três coisa em especial faço questão de salientar:

1. “Onde, porém, se multiplicou o pecado, a graça transbordou” (Rm 5,20).

2. Dentro de todo usuário de droga existe um coração que ama e que pode ser amado.

3. Toda droga é uma droga, se você já usou ou usa drogas de qualquer tipo, sabe o que eu estou dizendo. Mas se não, você não precisa e não deve experimentar para testemunhar o que irá acontecer. Pode ser um caminho sem volta e você pode não ter tempo para dar testemunho de sua experiência.

Volto a dizer: se você usa algum tipo de droga, mesmo que de vez em quando, não espere que o pior aconteça para pedir ajuda.

Muitas vezes eu achava que era ou estava “doidão”. Mas doido mesmo é ser de Deus, isso é a maior adrenalina.

Já se passaram quinze anos desde que rompi com as drogas e até hoje eu vivo com as suas consequências.

Infelizmente, ainda sonho, hoje em dia, com alguns momentos da época em que eu era usuário. Talvez seja Deus me lembrando do que fui e de que agora, graças a Ele, sou um recuperado.

Não quero escrever ou criar aqui um quadro sensacionalístico. O que escrevo, o que testemunho, é o que eu vivi. Às vezes, ainda sinto vontade de voltar ao passado, quando sinto o cheiro de um cigarro ou de um “baseado” de longe.

Essa é a realidade de um ex-usuário de drogas, é como qualquer outro pecado em que fomos viciados.

Felizmente, hoje posso dizer-lhe que sou livre, sou dependente apenas de uma “branquinha”, que me deixa cada dia mais louco pela vida e cheio de adrenalina. Em vez de só cheirá-la, eu posso comê-la, e ao invés de pó de mármore, giz, vidro, ou qualquer outra mistura, ela é sempre pura e homogênea, porque contém o Corpo, Sangue, Alma e Divindade de nosso Senhor Jesus Cristo.

Há quinze anos vivo, pela graça de Deus, livre e limpo das drogas. Hoje sou casado, pai de uma linda filha, homem de família e de Deus, a serviço da Igreja.

Hoje, sou um total dependente da Eucaristia, a “branquinha” que é e sempre será a melhor adrenalina que experimentei.



Final de 1998 - Braís Oss conhece a
Comunidade Católica Canção Nova.

Deus intervém para nos salvar

Um dia, no início da minha caminhada, pensei na minha realidade de vida naquele momento e comecei a conversar com Deus e a perguntar-Lhe o porquê de tanta radicalidade. Por que Ele estava fazendo tantas mudanças para que eu trilhasse somente o Seu caminho?

Todas as áreas da minha vida sofreram uma virada radical de 180 graus. Ele mudou totalmente minha direção, minhas atitudes, meus modos, minha afetividade, sexualidade, vida profissional etc.

Não encontrei, para essa pergunta, nenhuma outra resposta que fosse tão boa quanto a que deu nome a este capítulo.

Deus intervém em nossa vida para nos salvar.

Mas por que a intervenção Dele teve que mudar todo o rumo da minha vida?

Por que eu não podia ser salvo, ter meu encontro pessoal com Ele, e continuar a ter uma vida comum, no trabalho que eu fazia, na casa em que morava, na paróquia que visitava?

Por que foram necessárias tantas mudanças? Por que foi necessário um novo rumo, uma guinada radical que me deslocaria, em todos os sentidos, da vida que eu levava?

Durante meses, todos os dias me fazia esses mesmos questionamentos que gritavam dentro de mim.

Foi aí que tomei posse da grande dádiva que temos, que é escutar, ver e sentir Deus nas pequenas coisas, em nossos irmãos e

amigos.

“Amigo fiel é poderosa proteção: quem o encontrou, encontrou um tesouro” (Eclo 6,14).

Foi em uma partilha com um dos meus irmãos da Comunidade Canção Nova, Marcos Jolbert. Eu perguntei se com ele o processo de conversão também fora do mesmo jeito, se o processo que Deus estava usando comigo também usara com ele, e o que ele achava disso tudo.

Com sabedoria e serenidade, ele disse:

– Brais, é só uma questão de raciocínio. Normalmente, nascemos em uma família cristã e, em nosso caso, uma família cristã católica. Seguindo o curso natural das coisas, aprendemos e desenvolvemos todos os princípios básicos normais de um católico. Somos batizados pequenos, vamos para o catecismo, fazemos a primeira comunhão, entramos em um grupo de jovens, de crisma, em alguns casos nos casamos, desenvolvemos uma vida participativa em uma comunidade ou paróquia e logo surge o desejo de ser engajado em algum ministério. Ministério de liturgia, acolhida, serviços, Eucaristia, música etc... Crescemos e, em nosso caso, nos identificamos com um carisma, participamos de um grupo de oração na Renovação Carismática, nos envolvemos com os diversos ministérios e, aos poucos, nos encaixamos e nos lançamos de corpo e alma, em um leque das mais diversas opções de secretarias da Renovação Carismática e da Igreja. Assim crescemos como servos do Senhor. Volto a dizer: esse é o curso natural das coisas, nosso carisma cresce e temos uma sede maior de Deus, um chamado específico.

E foi com essa mesma serenidade que o Marquinhos me perguntou, depois:

– Brais, em qual desses estágios que eu falei você se encontrava quando teve seu encontro pessoal com Jesus?

Esta mesma pergunta eu faço agora a você, que está lendo o livro:

Em qual estágio ou situação você está neste exato momento de sua vida, independente do seu encontro pessoal com Jesus?

Seja verdadeiro(a) e não responda para mim, responda para Deus e para si mesmo(a).

Sugiro que você pare por um instante de ler, separe um tempo, pegue um caderno, escreva sua resposta e leve-a até Jesus sacramentado.

No meu caso, sem dúvida alguma, era preciso uma intervenção urgente e imediata de Deus, para que eu acordasse para a vida, para o caminho da verdade e para Ele.

Muitas outras pessoas também precisam de Sua intervenção imediata, como a que eu tive. Uma intervenção que os desloquem, e mude seus rumos e cursos de uma maneira radical, não só para que acordem, mas para que encontrem o caminho da salvação.

Se começarmos a estudar e nos aprofundar nas origens e regras da nossa Igreja, descobriremos como é bela a composição de sua história, com a vida dos santos e santas e todos os seus personagens. Ao fazer isso, é bem comum encontrar uma história de vida parecida com a nossa.

Vejamos:

Santo Inácio de Loyola – O santo da força de vontade.

Santo Agostinho – O santo da inteligência.

São Francisco de Assis – O santo do amor.

São João Maria Vianney (O Cura d'Arcs) – O santo da simplicidade.

Se estudarmos a Santa Escritura a fundo, procurando observar a vida de seus personagens – os profetas, os primeiros mártires, os primeiros cristãos, enfim, o povo de Deus – acharemos inúmeras histórias semelhantes à nossa.

Esse é um exercício agradável e positivo, pois precisamos ter intimidade com a Palavra de Deus.

No Evangelho de São Mateus, o primeiro Evangelho do Novo Testamento, logo no início do primeiro capítulo, vemos a origem genealógica de Jesus, desde Abraão (o pai da fé), a Jacó, pai de José, esposo de Maria, em cujo ventre o Verbo de Deus se fez carne.

Quando Isabel estava no sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem prometida em casamento a um homem de nome José, da casa de Davi. A virgem se chamava Maria. O anjo entrou onde ela estava e disse: “Alegra-te, cheia de graça! O Senhor está contigo”. Ela perturbou-se com estas palavras e começou a pensar qual seria o significado da saudação. O anjo, então, disse: “Não tenhas medo, Maria! Encontraste graça junto a Deus. Conceberás e darás à luz um filho, e lhe porás o nome de Jesus. Ele será grande; será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai. Ele reinará para sempre sobre a descendência de Jacó, e o seu reino não terá fim”. Maria, então, perguntou ao anjo: “Como acontecerá isso, se eu não conheço homem?” O anjo respondeu: “O Espírito Santo descera sobre ti, e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra. Por isso, aquele que vai nascer será chamado santo, Filho de Deus. Também Isabel, tua parenta, concebeu um filho na sua velhice. Este já é o sexto mês daquela que era chamada estéril, pois para Deus nada é impossível”. Maria disse: “Eis aqui a serva do Senhor! Faça-se em mim segundo a tua palavra”. E o anjo retirou-se de junto dela (Lc 1,26-38).

Não se assuste ou se escandalize com o que você vai ler a seguir:

Isaac gerou Jacó (Mt 1,2) – Jacó, nome que, em algumas línguas, quer dizer aquele que pega, ladrão.

Salmon gerou Booz, de Raab (Mt 1,5) – Raab, que era prostituta.

Booz gerou Obed, de Rute (Mt 1,5) – Rute era uma estrangeira.

Jessé gerou o rei Davi (Mt 1,6) – Davi, que foi adúltero e homicida.

E isso aconteceu só na primeira geração. Vamos continuar:

Davi gerou Salomão, da mulher de Urias (Mt 1,6) – Salomão, que foi idólatra e prestou culto a outros deuses.

Jotão gerou Acaz (Mt 1,9) – também idólatra.

E, assim, passaremos pela deportação da Babilônia e chegaremos até Jacó (avô de Cristo), que gerou José, esposo de Maria, que gerou Jesus, o Cristo de Deus.

Citei alguns exemplos para deixar claro que Deus faz o impossível àqueles que Ele escolhe, para que eles possam, por livre e espontânea vontade, serem os Seus eleitos.

É só olhar para a nossa história de vida.

Você viu esses exemplos? Um ladrão, uma prostituta, uma estrangeira desconhecida, um homicida e um idólatra...

Com isso não precisamos ter dúvida alguma de que todos esses personagens não passam de meros pecadores; uns cometeram pecados maiores, outros menores, mas todos foram, com certeza, pecadores. Contudo, foram, também, escolhidos diretamente por Deus para serem Seus eleitos, para comporem a história do Seu povo.

Digo por mim mesmo: “feliz o homem que no auge de seus pecados se encontrou de uma maneira pessoal com Jesus”.

Durante a viagem, quando já estava perto de Damasco, de repente viu-se cercado por uma luz que vinha do céu. Caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: Saul, “Saul, por que me persegues?” (At 9,3-4).

O Saul dessa passagem bíblica é Paulo, que ainda era jovem e perseguia os cristãos quando o próprio Jesus, ao ver suas condições e sua vida de pecado, interveio, mudando todo o rumo de sua vida. A intervenção divina na vida de Saulo, seguida de um

chamado, o transformou no apóstolo Paulo das Escrituras Sagradas.

Acho que sempre sentirei os reflexos das mudanças que Jesus fez em minha vida, e hoje entendo por que Ele precisou intervir e mudar meu rumo e minha história, para me tirar da ignorância em que eu vivia, porque afundado nela, eu sequer via o mal que fazia a mim mesmo e aos outros.

Era uma vida desregrada, com sexo, drogas e *rock and roll*.

Hoje já se passaram quinze anos desde meu encontro pessoal com Jesus, e, durante esse tempo, pude ter uma experiência intensa com Ele por meio do Seu Espírito Santo, que mudou o rumo de minha vida para melhor. Foi preciso abrir mão de muitas coisas, como os prazeres capitais e os da carne, mas Ele me livrou das drogas, do cigarro, das bebidas e da prostituição, e, com certeza, continuará me livrando e tirando de perto de mim o que for necessário para que eu não me perca novamente no pecado. Esse é o pedido que Lhe faço todos os dias.

Senhor! Se não para Ti e se não for da Tua vontade, livra-me deste mal. Até hoje sinto falta de algumas coisas que eliminei da minha vida, mas foi preciso que isso acontecesse para ter início o processo de lapidação que originou a joia preciosa que sou hoje aos olhos de Deus. Somos uma joia preciosa aos Seus olhos, mas precisamos ser constantemente lapidados; todos os dias, preciso olhar para o homem velho e dizer que ele não me domina mais.

Engana-se quem acha que esse homem velho ou mulher velha morrem por definitivo dentro de nós. Sinto dizer, mas o máximo que conseguimos é deixá-lo(a) em coma induzido, e, para que isso aconteça, é preciso ter uma vida de oração diária, sincera e concreta com Deus e nunca esquecer que temos um advogado, o Espírito Santo, que sempre estará à nossa defesa contra as ciladas

do inimigo. Mas basta uma só dose de pecado para que esse homem velho volte à vida com o objetivo de nos levar à morte.

É preciso ser forte o bastante para viver isso na realidade, ou melhor, nas provações do dia a dia, porque nem precisamos procurá-las, elas, por si mesmas, se apresentarão a nós, em nosso trabalho, nossa casa, no casamento, na escola e em momentos de lazer.

Nesses anos em que estou caminhando nesta vida nova em Cristo Jesus, quero salientar três coisas que aprendi:

1. Ainda sou, e desejo ser sempre, uma criança nos caminhos e nos braços do Senhor. Gosto de sê-lo, porque sendo bom de coração e honesto para com Ele, não me faltará a misericórdia, a compaixão e os cuidados que vêm do Pai.

2. “Em verdade vos digo: todo aquele que tiver deixado casa, mulher, irmã, pais ou filhos por causa do Reino de Deus, receberá muitas vezes mais no presente e, no mundo futuro, a vida eterna” (Lc 18,29-30). Isso é promessa de Deus para nós.

3. Depois de nos apaixonarmos por Deus, nossa vida muda definitivamente, e nos tornamos capazes de fazer coisas absurdas aos olhos humanos.

Essa paixão sempre será correspondida, e sempre sentiremos no coração uma força que nos atrai para ela, porque mesmo antes de sermos planejados pelos nossos pais, Ele já era apaixonado por nós.

Dito isso, é bom lembrar que não nos apaixonamos apenas simplesmente por pessoas; apaixonamos-nos pelo Amor, por Aquele que é feito somente do puro amor.

Pois “Deus é amor” (1Jo 4,16).

Tive a graça de ser acompanhado e dirigido espiritualmente no início de minha caminhada por Dom Alberto Taveira Corrêa, bispo da nossa Igreja, por quem tenho um carinho de filho para pai.

Em um de nossos atendimentos espirituais, ele disse:

– Meu filho, entenda isso e conseguirá se aproximar ao máximo do que é ser um eleito de Deus. Não foi você quem O escolheu, mas Ele quem, por amor, o escolheu, para salvá-lo e transformá-lo em um de Seus eleitos. Quando Ele escolhe um(a) filho(a), este(a) passa a ser uma semente fecundada de Seu Amor. Por isso, a partir deste dia, pela ação do Espírito Santo e pela graça de Deus, não por mérito seu, você é chamado a ser semente fecunda, e se atender a esse chamado, nascerá de novo, crescerá e dará frutos até em cima de pedra, terra seca e sob sol ou chuva, porque não foi você quem O escolheu, mas Ele quem, ao olhar para baixo e ver como você estava, por amor, o escolheu para ser Dele, Nele e para Ele.

Nunca esquecerei essas palavras de pai e pastor. Sou fruto, hoje, e grato pelo seu ministério sacerdotal que fecunda o amor e o chamado de Cristo por onde passa.

Digo para você que está lendo:

Não importa o estado em que você se encontra agora, se preciso for, peça a Deus, com honestidade e sinceridade, para que Ele intervenha em sua vida. Independente de sua fé, sua crença, sua esperança, seja qual for seu problema ou sua necessidade, seja sincero com Deus, porque com certeza Ele já sabe tudo que você precisa, antes mesmo de você manifestar suas dores, seus sentimentos e pedidos.

Ele só quer escutá-lo(a), não para vê-lo(a) humilhado(a), mas para vê-lo(a) arrependido(a). Mesmo sabendo o que você precisa, Ele quer que venha de você a verdade de seu coração.

Para este momento, escrevi para você o modelo de minha oração, que fiz em frente ao sacrário quando passava por um desses momentos.

Oração para ser feita em frente ao sacrário

Senhor!

Eu me chamo (dizer o seu nome):

Diante de Ti sacramentado estou agora, venho Te falar e expor toda a minha vida, em especial tudo o que estou passando e sentindo (falar, com detalhes, tudo o que você acha que precisa da intervenção de Deus em sua vida, todo sentimento, humilhação, mágoa, falta de perdão, tudo aquilo que você gostaria que Ele transformasse).

Senhor, és o Pai de tudo que vive, ama a todos e tem um propósito em especial para este(a) filho(a), que, suplicando, recorre a Ti neste sacrário.

Senhor, infelizmente, estou tão decepcionado(a) e triste que não tenho nem vontade de falar-Te estas coisas, e sei que, mesmo antes de eu falar, Tu já sabes de tudo.

Conheces as minhas palavras, mesmo antes de elas saírem de minha boca e de meu coração.

Senhor, Tu és a luz eterna que nunca se apaga.

Senhor, aquele(a) que Tu amas está doente e sofre.

Senhor, tudo que fazes é bom e perfeito, e Tua fidelidade sempre será mostrada àqueles que a Ti recorrem e pedem com sinceridade e arrependimento no coração.

Senhor, sei que podes todas as coisas, e peço-Te que, se quiseres, intervenha em minha vida de uma maneira carinhosa ou de uma forma que, mesmo que eu não entenda, aceite, sem murmurar e questionar, o que for preciso para esta Sua intervenção, pois sei que será para o meu bem.

Senhor, muitas vezes errei porque estava querendo fazer o certo, por isso quero admitir agora, diante de Ti, o meu erro.

Senhor, peço-Te perdão até pelos pecados que na ignorância eu cometi e que caíram no meu esquecimento.

Peço-Te perdão por estar triste agora, quando, na verdade, deveria estar alegre.

Sinto-me sozinho(a), abandonado(a), e até meu físico é afetado por isso.

Senhor, Tu mesmo disseste:

“Tomai sobre vós o meu jugo e sede discípulos meus, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para vós. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve” (Mt 11,29-30).

Senhor, eu não estou em paz, e em Ti está a paz. Dá-me desta paz e deixa-me permanecer nela.

Senhor, fala-me, pois Teu silêncio dói muito.

Mais que a dor física, dói meu coração e minha alma por não saber amar-Te como Tu me amas.

Por favor, Senhor, do fundo de meu coração, não duvido de Ti, sei que és meu amigo, que caminha comigo todos os dias por onde eu passo, amigo em quem posso confiar e depositar todos os meus sentimentos.

Sei que me queres alegre e feliz, porque nasci para ser assim.

Se possível for, reverte esta situação em que me encontro agora. Mas que seja feita a Tua vontade.

Jesus, apesar de toda a minha ingratidão, quero agradecer-Te pelo dom da minha vida.

Quero dizer-Te que louvado seja Teu Santo Nome, Jesus Cristo de Deus, pelos séculos e séculos. Amém.

Esta oração eu fiz em frente ao Santíssimo, em lágrimas, quando passava por um momento muito delicado em minha vida, e quero dizer a você, que está lendo este livro, que a sua eficácia foi imediata. Em poucos dias, Ele interveio em minha vida de um jeito

tão real e visível aos meus olhos que chorei por uns três dias, enquanto procurava compreender bem Sua resposta à minha oração.

Seja sempre sincero(a) e verdadeiro(a) com Deus, pois Ele sempre será sincero e verdadeiro com você.

É o próprio Jesus quem nos fala:

Vinde a mim, todos vós que estais cansados e carregados de fardos, e eu vos darei descanso. Tomai sobre vós o meu jugo e sede discípulos meus, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para vós. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo leve (Mt 11,28-30).

“Sede zelosos e diligentes, fervorosos de espírito, servindo sempre ao Senhor, alegres na esperança, fortes na tribulação, perseverantes na oração” (Rm 12,11-12).

“Tudo o que pedirdes na oração, crede que já o recebestes, e vos será concedido” (Mc 11,24).

Só se tem o privilégio de superar uma situação, seja qual for, vivendo-a.

Muitos homens e mulheres que receberam grandes méritos pelo que fizeram nem imaginavam ou sonharam onde iam chegar com seus feitos, mas chegaram.

Seja qual for a situação que você vive hoje, neste exato momento, quero que saiba que Deus o ama do jeito que você é, e tudo que Ele quer é uma oportunidade de manifestar este amor que tem por você.

Crie coragem e abra-se a Ele, mesmo se tudo soar como fantasia, ou se as coisas estiverem complicadas a ponto de você querer desistir de tudo. Vá em frente, derrame seu coração Nele porque Ele é Pai e o ama e o entende melhor que você a si mesmo.



04 de agosto de 2006 - Brá's Oss
e seu irmão Léo (padrinho de seu
casamento).

Perdoar faz bem à saúde, é possível e necessário

Pedro dirigiu-se a Jesus perguntando: “Senhor, quantas vezes devo perdoar, se meu irmão pecar contra mim? Até sete vezes?” Jesus respondeu: “Digo-te, não até sete vezes, mas até setenta vezes sete vezes” (Mt 18,21-22).

Há quinze anos tenho caminhado junto à Igreja na Comunidade Canção Nova. Nos diversos encontros que tenho participado ou ministrado, tenho presenciado quão grande é a dificuldade de muitas pessoas em relação à palavra *perdão*.

Construímos barreiras gigantescas e catastróficas que acabam nos aprisionando em nossas culpas, erros, pesos na consciência, simplesmente porque insistimos em nos apegar ao passado ou às intrigas do inimigo de Deus.

Muitas vezes, nem nos lembramos do acontecido, mas trazemos no coração uma culpa interior que pode até nos matar, tomando a forma de um câncer⁹.

Muitas pessoas ainda sofrem, e muito, por acharem que nunca serão capazes de conseguir perdoar na prática, ou que não merecem o perdão de alguém.

Posso dizer isso por experiência própria. À primeira vista, ou melhor, ao primeiro sentir, parece mesmo impossível praticar o perdão, mas “para Deus nada é impossível” (Lc 1,37).

Em minha caminhada e missão, é comum pessoas me pedirem para rezar por elas, e por meio do Espírito Santo, posso presenciar

e testemunhar essas dificuldades em suas vidas. Eu poderia citar muitos exemplos de casos em que pessoas se diziam incapazes de praticar o perdão.

Em meu ministério, presenciei vários casos de curas físicas e espirituais feitas em nome de Jesus. Foram casos de problemas físicos, espirituais, familiares, emocionais, sociais etc., que se originaram pela simples falta do perdão.

Ao invés de narrar histórias de pessoas que compartilharam comigo problemas de suas vidas, nitidamente adquiridos pela falta de perdão e resolvidos pela sua prática, vou contar-lhes o que eu mesmo já vivenciei desse assunto, já que este livro narra os feitos de Jesus em minha própria história de vida e salvação.

Mais que contos, essas histórias sobre barreiras e diferenças transformadas em riquezas são verdadeiras confissões.

A afetividade é a área em que mais somos bombardeados pelos males da falta de perdão, principalmente quando envolve pessoas da família.

Se você parar por um instante agora a sua leitura e pensar um pouquinho, poderá lembrar-se de algum episódio em que uma pessoa, talvez você mesmo(a), passou por uma traição e foi mudada por ela.

Talvez você nunca tenha vivido algo assim, mas comigo foi assim...

Antes de minha vinda para a Canção Nova e do meu encontro pessoal com Jesus, eu também tive muitas experiências negativas que se transformaram em traumas ou machucados, curados posteriormente pela prática do perdão e com simples e sinceras orações. Foram muitas as situações:

- A morte do meu pai, quando eu tinha dez anos.
- Minha inferioridade social, física e financeira durante a infância.

- Decepções afetivas na área familiar e nas amizades.
- A perda do meu cachorro, gato e passarinho quando pequeno.
- Traição em um namoro, negócio ou amizade.
- Aquele trabalho ou emprego não realizado.

Enfim, muitas foram as situações que quase sempre acabaram canalizadas em um culpado ou culpada, desde Deus até eu mesmo. Algo muito negativo no que diz respeito ao perdão.

Mas se por um lado a falta de perdão é a causa de alguns problemas, doenças etc., o perdão verdadeiro é quase sempre a solução e resposta para a cura total de nossas feridas.

Quando ouvi pela primeira vez monsenhor Jonas Abib pregar sobre o perdão, em um encontro na Canção Nova, e conduzir uma oração de cura interior, guardei uma frase que me impressionou muito. Ele disse:

“Perdoar faz bem à saúde, é possível e necessário.”

Eu tinha um problema de saúde grave no estômago, uma úlcera gástrica, aparentemente incurável, que chegou a me deixar hospitalizado. Cheguei até a precisar de socorro médico na Canção Nova, enquanto participava, como músico, de ministérios da música em acampamentos de oração.

Essa oração de cura interior feita por monsenhor Jonas era direcionada a uma multidão, mas parecia ser exclusivamente para mim, e suas palavras entravam cortando minha alma como uma faca de dois gumes.

– Deus quer curá-lo dessa úlcera gástrica, meu filho, mas, para que isso aconteça, você precisa perdoar o seu irmão. Aliás, tem muitas coisas que precisam do perdão na sua vida. Mas, em especial, Deus quer curá-lo dessa úlcera gástrica por meio do perdão e da reconciliação com seu irmão.

Naquele momento eu só chorava e sentia uma saudade enorme do meu irmão, com o qual tivera uma briga e deixara de conversar havia muito tempo. E, enquanto monsenhor Jonas falava, meu estômago parecia mexer e remexer.

Mais ou menos uns três anos antes de eu vir para a Canção Nova, dividia um apartamento com meu irmão mais novo (Léo), que amo muito. Ele era o gerente da minha empresa e eu estava noivo, com os dias contados para me casar.

Nessa época, vivi uma situação muito desagradável e complicada, que envolvia meu irmão, eu e minha ex-noiva. Isso mesmo, meu irmão e minha ex-noiva!

Meu irmão e eu quase nos matamos em uma briga física. Depois daquilo nunca mais nos falamos, e eu cheguei a ponto de ir ao encontro deles com uma arma, com o objetivo de assassiná-los e, depois, me suicidar em público. Mas Deus não deixou; obrigado, Senhor, por me amar igualmente todos os dias.

A situação tornou-se tão desagradável e constrangedora que nós sequer conseguíamos permanecer juntos no mesmo lugar. Ou eu não entrava ou ele saía, e vice-versa.

Isso era doloroso para mim, para ele e para as pessoas que nos rodeavam, em especial para minha mãe. Quem nos conhecia, sabia que nos amávamos muito e sofriamos com esta situação.

Vivi dessa forma durante uns quatro anos, com minha mãe, meus irmãos e amigos sofrendo por nossa causa.

Minha mãe chegava a chorar quando meu irmão estava em sua casa e, ao chegar de repente e notar que ele estava lá, eu não entrava.

Não tenho dúvidas de que essa situação era a principal causa da minha gastrite, pois o Senhor havia me falado isso concretamente por meio das palavras do monsenhor Jonas Abib, e eu sabia e sentia que precisava resolver essa situação com meu irmão.

Mas como eu daria o primeiro passo para o perdão e para a reconciliação com ele?

Foi simples.

Um dia, ao voltar à minha cidade, com uma crise gástrica enorme, descobri que meu irmão estava lá também. Fui à casa de um amigo que ele costumava visitar e encontrei-o lá. Naquele momento, eu disse pra mim mesmo: é agora, Senhor, dá-me a graça do perdão.

Rezei, pedindo força ao Espírito Santo, entrei no seu carro, pois ele nunca fechava a porta, e fiquei ali até ele sair da casa do meu amigo. Quando ele saiu e chegou ao carro, assustou-se, mas, antes que ele pudesse falar alguma coisa, eu falei: pedi perdão a ele, disse que também o perdoaria, que o amava muito, que estava disposto a recomeçar tudo de novo, porque nossa briga não poderia deixar que o diabo fosse vencedor em nossas vidas, e que, mesmo se ele não quisesse nunca mais conversar comigo, eu, mesmo assim, ainda o amaria muito.

Rezei com ele, naquele momento, a oração de São Bento:

A cruz sagrada seja minha luz.

Não seja o dragão o meu guia.

Retira-te satanás e não me aconselhes coisas vãs.

É mau o que tu me ofereces.

Bebe tu mesmo o teu veneno.

Com certeza, naquele momento, o diabo provou e bebeu do seu próprio veneno, porque nos reconciliamos em nome de Jesus Cristo.

Deus quer nos curar de todos os nossos males e traumas, mas para isso precisa que nós tomemos uma atitude. Devemos nos lembrar que quando rezamos a oração do pai-nosso, quase sempre nos esquecemos de que estamos pedindo ao Pai que perdoe

nossas faltas, como nós perdoamos a quem nos tem ofendido. Por isso, precisamos perdoar, para que sejamos dignos do perdão divino.

Posso falar por mim mesmo que quando damos o passo para o perdão, a cura começa a se realizar. Lembra do retiro na Canção Nova? A pregação e oração de cura interior do monsenhor Jonas Abib? Abrir meu coração foi o meu primeiro passo. Procurar meu irmão foi o segundo. Um passo puxa outro...

Parecia coisa de cinema, mas enquanto nos reconciliávamos, senti uma enorme dor no estômago e uma forte vontade de vomitar. Então, lembrei-me de um outro amigo que eu havia traído e, imediatamente, fui à casa dele para pedir perdão. Chegando à sua casa, abri meu coração com ele e, para minha surpresa, quando terminei de falar, ele disse:

– Brais, eu é que tenho que pedir-lhe perdão.

Abraçamo-nos e reconciliamo-nos também. Nessa hora, meu estômago doeu muito, e eu senti ânsias de vômito. Chorando, fui ao banheiro e vomitei uma coisa verde, parecida com lodo com cabelos. Nunca vi algo parecido com aquilo.

Só sei de uma coisa: era a cura da minha gastrite, porque, a partir daquele dia, eu nunca mais senti nada no estômago.

Hoje eu como e bebo de tudo (café, sucos, farinha, doces etc.). Tenho certeza de que foi através da reconciliação que o Senhor concluiu a cura não só física da minha gastrite, mas também a cura interior, do meu coração.

Como saldo daquela reconciliação com meu irmão, que era muito rebelde e envolvido com vícios, obtive, também, sua conversão. Hoje em dia, ele já experimentou um encontro pessoal com Jesus, e sua vida também foi totalmente transformada.

Atualmente, sou missionário, ministro de música e membro consagrado na Comunidade Canção Nova, e meu irmão está

casado, tem uma vida na igreja como paroquiano e também ministra a música em sua paróquia. Somos grandes amigos, como sempre fomos, e ele é meu padrinho de casamento. Tudo isso graças à reconciliação pelo perdão.

Sim, monsenhor Jonas, o Senhor sempre esteve certo. Perdoar faz bem à saúde, é possível e necessário.

Amém.



04 de agosto de 2006 - Casamento
de Brás e Renda.

Eu pude tocar e sentir a graça de Deus

Monsenhor Jonas Abib, muito inspirado e movido pelo Espírito Santo, adotou para os seus filhos na Comunidade Canção Nova a prática do estudo da Palavra, hábito que faz parte da nossa regra de vida na comunidade e até foi transformado em livro: *A Bíblia no Meu Dia a Dia*.

Um dia, fazendo meu estudo da Palavra, me defrontei com esta linda frase: “O meu justo viverá pela fé” (Hb 10,38).

Se nos tornamos íntimos da Palavra de Deus, podemos sentir, viver e experimentar a importância da intimidade com Jesus, alcançada por meio dela.

Desde pequeno, lembro que meu pai sempre falava de um certo São Tomé, que duvidou da verdade. Duvidou da ressurreição de Jesus.

Ele sempre falava assim: *Parece Tomé, menino! “Tá” sempre duvidando de tudo!*

E era isso mesmo, eu sempre duvidei e questionei muito na minha vida. E isso, depois de ter tido meu encontro pessoal com Jesus, passou a ser um fardo que crescia cada vez mais, até o dia em que me defrontei, na Palavra, com a verdadeira história daquele Tomé com quem meu pai me comparava.

Em um momento de meditação, pude sentir o que Tomé, um dos apóstolos de Jesus, verdadeiramente quis expressar para Ele:

Os outros discípulos contaram-lhe: “Nós vimos o Senhor!” Mas Tomé disse: “Se eu não vir a marca dos pregos em suas mãos, se eu não puser o dedo nas marcas dos pregos, se eu não puser a mão no seu lado, não acreditarei”. [...] Depois disse a Tomé: “Põe o teu dedo aqui e olha as minhas mãos. Estende a tua mão e coloca-a no meu lado e não sejas incrédulo, mas crê!” Tomé respondeu: “Meu Senhor e meu Deus!” (Jo 20,25.27-28).

Tomé, naquele momento, se abriu para a cura interior do seu coração. Ele foi verdadeiro com Jesus. Ele não teve medo de expressar toda sua verdade, suas misérias.

Devido à minha história de vida, assim como Tomé, sempre duvidei muito e tive, por muitas vezes, medo de não conseguir viver, na prática, a castidade, proposta apresentada quando conheci a Canção Nova.

Lembro como se fosse hoje do dia em que fui apresentado ao monsenhor Jonas Abib, em sua casa, logo no início de minha chegada, no final do ano de 1998.

Ele me disse muitas coisas em poucas palavras, e quando falei em resumo um pouco da minha história e do medo que eu carregava de não aguentar a tentação e cair no pecado contra a castidade (sexto mandamento), ele falou assim:

– Meu filho, o segredo está na intimidade que você precisa ter com Nossa Senhora. Ela é Mãe e vai ajudá-lo. Quando você for dormir, ajoelhe-se aos pés da sua cama e reze três ave-marias consagrando sua afetividade e sexualidade a ela. Peça-lhe sempre que cuide de você e acredite: mesmo em meio às suas dúvidas e medos, ela vai cuidar de você.

Quinze anos se passaram e, desde aquele dia, rezo todas as noites as três ave-marias que ele me ensinou. Por conta, ainda acrescentei a oração de Tomé: “Tomé respondeu: ‘Meu Senhor e meu Deus!’” (Jo 20,28).

Nunca duvidei de que Nossa Senhora está sempre cuidando de mim, não só no zelo pela castidade, mas em todos os momentos de minha vida. Não que ela venha antes de Jesus, mas mãe é mãe, e não existe filho que, de uma forma ou outra, não faça de tudo para atender o pedido materno.

Lembra das bodas de Caná, na Galileia, quando Maria falou ao seu Filho do vinho? Jesus não resistiu ao pedido de Maria, Sua Mãe, e fez o Seu primeiro milagre, transformando água em vinho.

“Sua mãe disse aos que estavam servindo: ‘Fazei tudo o que ele vos disser!’” (Jo 2,5).

Há sete anos, vivo a graça do Sacramento do Matrimônio. Sou pai de uma filha linda e hoje, como homem casado, posso dizer sem dúvidas ou medos que Nossa Senhora, por meio de sua intercessão junto a seu Filho Jesus, realmente cuidou e continua cuidando de mim.

Confesso que não foi fácil para mim; era, e ainda é, como matar um leão no braço todos os dias.

Após meu encontro pessoal com Jesus, aquele menino/homem, com seus 28 anos, precisou retomar todos os pontos e sentidos no assunto da afetividade e sexualidade.

O primeiro passo foi fazer um propósito de me reservar por pelo menos um ano, que seria separado para o Senhor começar o processo de restauração nos meus afetos e sexualidade.

O segundo passo foi aceitar e pôr em prática o propósito que monsenhor Jonas, inspirado por Deus, transmitiu para os seus filhos espirituais na Canção Nova:

Todo casal de jovens que percebe um sentimento afetivo não começa um caminho de trás para frente ou ao inverso. Primeiro se conhece amigavelmente, se expõe, conversa muito sobre o assunto, para depois começar um namoro.

Chamamos isto, na Canção Nova, de Caminho de Namoro.

Na Canção Nova, não se “fica” para descobrir se é o que queremos; ao contrário, conhece-se antes, para realmente ver se é a vontade de Deus e do casal.

Após esta etapa, a trilha para um namoro santo fica mais fácil.

O livro intitulado *Namoro*¹⁰, do professor Felipe Aquino, nos traz um rico ensinamento sobre esse assunto.

Confesso que, mesmo depois de casado, a luta pela castidade continua sendo diária, porque não estou imune ao pecado. A luta continua, e viver o PHN, com tudo que a mídia e o mundo atual nos oferecem, é muito difícil.

Como diz a Palavra de Deus, “A mim tudo é permitido, mas nem tudo me convém’. A mim tudo é permitido, mas não me deixarei dominar por coisa alguma” (1Cor 6,12).

Alguns anos já se passaram, e hoje, pela intercessão da Virgem Maria, aquele jovem que tinha sexualidade e afetos totalmente desregrados, após um encontro pessoal com Jesus, viveu e guardou, por quase oito anos, pela graça de Deus, sua castidade até o matrimônio, e pôde viver na presença do Senhor sua noite de núpcias.

Hoje sou um homem casado, amo minha esposa e minha filha, e posso dizer que pude, sim, tocar na graça de Deus na nossa noite de núpcias.

Sei que ainda não venci a guerra contra o pecado, mas, sim, algumas batalhas. A guerra e a luta pela castidade continuam, e as três ave-marias e a oração de São Tomé também. Porém, agora, como homem casado, digo: essa vitória não posso e não devo ter medo de testemunhar, pois é possível viver a castidade mesmo depois de ter vivido uma vida desregrada sexualmente.

Maria, mãe da castidade, e São Tomé. Rogai por quem recorre a vós.



2002 - Ensaio fotográfico na estação
ferroviária de Cachoeira Paulista/SP.

Pé 40 no sapato 38

Quem nunca provou ou usou um sapato menor que o pé, pelo menos uma vez na vida? É ou não uma situação difícil e bem desagradável?

Desde criança, sempre tive um gosto pelo mundo do *country*, a música, os cavalos, a fazenda...

Nasci no interior, na roça mesmo, onde não há muitas opções de diversão. Nada de carros, *shopping center*, lojas nem praças. Tínhamos a missa, na matriz, circos, touradas e rodeios, de vez em quando.

Desde pequeno, sempre fui sonhador, e entre esses sonhos estava o de ser um *cowboy* de rodeios, usar botas como as que eles usam e cantar música sertaneja ou *country*.

Na verdade, era mais que um sonho: era uma meta, um objetivo a ser alcançado. Eu dizia sempre que quando crescesse, eu seria um *cowboy* no mundo dos rodeios.

Naquela época, eu queria muito ter um par de botas de *cowboy*, que fizessem eu me sentir pelo menos um pouco mais perto do meu sonho. A primeira barreira que me impedia de tê-las era o fato de que eu nunca ganharia um par de botas, tampouco tinha dinheiro para comprá-las. Além disso, tinha o fato de que, apesar da vontade imensa de usá-las, eu achava que todo mundo ia rir se eu aparecesse com elas. Mas, de qualquer forma, eu as queria, e isso já era o bastante para suplantar o resto.

O primeiro passo para alcançar minha meta de ser *cowboy* era conseguir as botas e uma calça jeans. Eu sabia tudo sobre o

assunto, os modelos, estilos, as de bico finos ou quadrados, o tipo de couro, os saltos e até a diferença das altas e baixas.

No ano de 1975, quando eu tinha seis anos de idade, mudamos da roça, lá da Vila Valério, no interior de São Gabriel da Palha, no Espírito Santo, para Linhares, uma cidade também no Espírito Santo. Para nós, era uma “cidade grande”, e eu via meus sonhos cada vez mais próximos da realidade. Para mim, era só uma questão de tempo.

Os dias foram passando, fui crescendo e, certa vez, criei coragem, juntei dinheiro vendendo picolés e sonhos e comprei meu primeiro par de botas. Foi a maior alegria; elas não eram das melhores, mas eram lindas e tinham todas as características de um belo par de botas de *cowboy*.

Eu era o menino mais feliz do mundo naqueles dias. Para aumentar minha felicidade, iria ter uma festa de rodeio e vaquejada no final de semana; eu iria, oficialmente, estreiar minhas botas e ser o cara mais realizado e satisfeito do mundo! Finalmente, eu iria usar minhas botas e uma roupa de *cowboy*.

Mal sabia o que me esperava naquele final de semana.

“Cuidado para que ninguém vos engane!” (Mc 13,5).

Chegou a noite e lá fui eu para a festa com minhas botas.

Mas qual a ligação dessa história com *Pé 40 no sapato 38*?

Na verdade, as botas nem eram menores que os meus pés, eram o número certo. Mas quando as comprei, não me preocupei com os detalhes, tamanha era minha vontade de tê-las. A paixão nos encanta à primeira vista, mas, às vezes, nos cega para a realidade e para fatos, e essa negligência aos detalhes pode custar caro.

“Pois, se alguém julga ser uma pessoa importante, quando na verdade não é nada, está se iludindo a si mesmo” (Gl 6,3).

Eu não me preocupara em me informar como era usar botas de *cowboy* e não sabia que usá-las exigia um costume, uma prática. Eu não sabia que era preciso amaciá-las, para depois usá-las com conforto. Não sabia que elas precisavam ser preparadas dias antes para serem usadas sem causar desconfortos. Enfim, eu não sabia que antes de usar minhas lindas botas era preciso tomar uma série de medidas e cuidados, para que meus pés não sofressem as consequências.

Diz o ditado que “quando a cabeça não pensa, o corpo padece”. Mas, na época, eu não sabia disso, então era só alegria.

Com o passar das horas, meus pés começaram a sentir algo que posso classificar como um “incômodo cego”, quer dizer, algo que eu estava sentindo, mas queria ignorar por achar que causaria decepção.

Concluindo, naquela noite voltei mais cedo para casa, com os pés doendo muito e calos por todos os lados; dois, em especial, fizeram com que, por pelo menos uma semana, eu não conseguisse usar sapato algum.

No fim das contas, também não consegui ser um *cowboy* de rodeios, mas me tornei músico e, com o tempo, passei a me dedicar exclusivamente à música *country*. Montei uma banda desse ritmo, da qual eu era o cantor e gaitista.

Criei um evento denominado “*Cowboy do asfalto*”, um baile/*show country*, durante o qual todos os componentes da banda se vestiam de *cowboys*. Rodávamos as cidades e fazíamos *shows* em exposições, rodeios etc.

Mais de trinta anos se passaram desde aquele dia frustrante em que usei meu primeiro par de botas. Ainda uso botas de vez em quando, só agora estou acostumado a isso, e elas não deixam mais meus pés doendo com calos, mesmo sendo novas.

Não sei se você já viveu uma história como essa, mas, se viveu, com certeza o final foi o mesmo ou muito parecido. Mas, neste momento, você deve estar se perguntando o que tem a ver essa história de sapatos apertados com “ser um homem de Deus”.

“Vou abrir a boca pronunciando sentenças, relembrar os mistérios do passado” (Sl 78,2).

Particularmente, acho que falar em parábolas era a forma de ensinamento predileta de Jesus, por ser uma forma prática e sábia de se dizer e ensinar algo. É a linguagem do composto no simples.

Jesus era um especialista neste assunto e tinha uma forma específica para cada situação, e acho que é por isso que até hoje ouvimos dizer que Ele era, na prática, o melhor advogado, o melhor psicólogo, médico, poeta e mais o que você conseguir imaginar. Sua taumaturgia¹¹ sempre confundiu e sempre confundirá as mentes daqueles que quiseram entendê-Lo, ao invés de aceitá-Lo como Senhor de suas vidas.

Ainda hoje Ele está sempre presente e continua a nos falar em parábolas, de uma forma atual e única.

Não tenho dúvida que sua sabedoria e bondade nos permitem tirar proveito de situações constrangedoras que vivemos no passado. Ele nos fala de determinados assuntos de uma maneira diferente da qual imaginaríamos, dando diferentes sentidos a uma mesma situação. Isso é o que podemos chamar, espiritualmente falando, de cura interior; foi assim que pude descobrir e experimentar a grande arte de aprender com os erros, e essa é a relação dessa “parábola” com meu encontro pessoal com Jesus.

Temos uma tendência natural de buscar Deus e somos verdadeiros apaixonados por Ele, mas, muitas vezes, o que acaba nos desviando do caminho é o simples fato de não termos uma formação sólida ou conhecimentos verdadeiros sobre o Pai. Acabamos traídos por ações aparentemente naturais que a vida

cotidiana nos proporciona. Somos desviados pelas paixões que nos cegam.

Vivi isso em minha caminhada e acho que essa é uma das maiores vias de desvio dos cristãos nos tempos de hoje.

Quase sempre acontece com aqueles que chamamos de “novos convertidos”. No fundo, sempre foram apaixonados por Deus e desejaram ser Dele e para Ele. Sabem toda a beleza estética de ser do Senhor, Sua forma de amar, e sabem até que o tamanho de Seu amor é infinito. Porém, não sabem que Deus não é só estético, mas sim puro amor.

Deus se manifesta de dentro para fora, primeiro a beleza vai para o coração e depois aflora na estética. Por isso, é normal, ao ver uma pessoa que teve um encontro pessoal com Jesus, notar nela uma beleza estética mais afluída: os seus olhos parecem ter mais brilho, sua voz mais serenidade e mansidão, a autoestima é recuperada e a vida passa a ter mais sentido. Isso é um fato notável, e acontece porque nos afeiçãoamos com Aquele com quem convivemos.

Mas como conviver com Jesus e Sua beleza interior e exterior nos dias de hoje?

Pelo encontro pessoal com Ele, por meio do Espírito Santo: um novo batismo no Espírito.

Um encontro pessoal com Jesus Cristo significa uma ruptura imediata com o pecado, com a morte.

Antes, cada qual é tentado por sua própria concupiscência, que o arrasta e seduz. Em seguida, a concupiscência concebe o pecado e o dá à luz; e o pecado, uma vez maduro, gera a morte (Tg 1,14-15).

O problema é que, no mundo em que vivemos hoje, acabamos sendo violentados pela concupiscência, estimulada pelos meios de comunicações sociais, propagandas visuais e tantas outras coisas.

Somos lançados de uma maneira involuntária ao pecado, e Deus entende isso.

Não somos pecadores porque pecamos, pecamos porque já nascemos pecadores, e isso explica esta passagem que escreveu São Tiago, nos apresentando a graça e nos assegurando de que Deus sempre nos dará uma segunda ou terceira chance, basta pedirmos.

Ser de Deus e para Deus é como usar botas novas: é preciso ter um conhecimento no assunto e isto só acontece com o tempo. É preciso não somente achar que amamos, mas sentir e viver este amor na prática.

Enfim, fortalecei-vos no Senhor, no poder de sua força; revesti-vos da armadura de Deus, para que possais resistir às ciladas do diabo. Pois a nossa luta não é contra o sangue e a carne, mas contra os principados, as potestades, os dominadores deste mundo tenebroso, os espíritos malignos espalhados pelo espaço. Por isso, protegeí-vos com a armadura de Deus, a fim de que possais resistir no dia mau, e assim, empregando todos os meios, continueis firmes. Ficai, pois, de prontidão, tendo a verdade como cinturão, a justiça como couraça e os pés calçados com o zelo em anunciar a Boa-Nova da paz. Em todas as circunstâncias, empunhai o escudo da fé, com o qual podereis apagar todas as flechas incendiadas do Maligno. Enfim, ponde o capacete da salvação e empunhai a espada do Espírito, que é a palavra de Deus. Com toda sorte de preces e súplicas, orai constantemente no Espírito. Prestai vigilante atenção neste ponto, intercedendo por todos os santos (Ef 6,10-18).

Entregar-se verdadeiramente a Jesus traz belíssimas surpresas e dádivas.

Depois de meu encontro pessoal com Ele, continuo gostando de música *country*, ainda uso botas, toco gaita e já conheci grandes nomes da música *country* e do mundo dos rodeios.

Hoje, em especial, mais que amigo, sou irmão de comunidade e de fé do único tricampeão mundial de rodeio, Adriano Moraes, de quem sempre fui e serei fã de carteirinha, não somente pelas suas conquistas no mundo dos rodeios, mas também pelo grande homem de Deus e grande pai de família que ele é. Comemos pizza juntos em casa, rezamos juntos em nosso grupo de partilha e formação comunitária, damos muitas risadas. Mas essa é uma outra história...

Não queira os outros culpar

Temos um medo natural dentro de nós que quase sempre nos impulsiona a tentar achar um culpado para justificar nossos erros ou pecados.

Assumir um erro será quase sempre um desafio de gigantes, mas também um crescimento, se ficarmos atentos a esses erros. Este ato heroico pode se tornar uma grande e bela via de santificação e salvação.

Mas por que encontramos tanta dificuldade em externar uma culpa? Buscar um culpado quase sempre é mais fácil que assumir nossas próprias falhas, principalmente quando nos deparamos com o espelho da vida, que reflete nossas verdades e exhibe situações de constrangimento. Culpar o outro é muito mais fácil do que enfrentá-las.

“Então o Senhor Deus perguntou à mulher: ‘Por que fizeste isso?’ E a mulher respondeu: ‘A serpente enganou-me, e eu comi’” (Gn 3,13).

Aí está a originalidade do pecado, o início de tudo. Daí surgiu o termo “pecado original”, e, dito isto, podemos concluir que: não somos pecadores porque pecamos, pecamos porque já nascemos pecadores, e isso se faz pelo pecado original.

Adão e Eva deixaram-se enganar pelo demônio e desobedeceram a Deus. Este foi o primeiro pecado na Terra: o pecado original. Por isso, todos os descendentes de Adão e Eva,

exceto a Santíssima Virgem Maria, vieram ao mundo com o pecado original na alma e com suas consequências, que nos são transmitidas pela geração.

O pecado original com o qual todos nós nascemos é a privação da santidade e justiça originais. O pecado introduz no mundo uma quádrupla ruptura: a ruptura do homem com Deus, consigo mesmo, com os demais seres humanos e com toda a criação¹².

Podemos definir o PECADO em simplesmente errar o alvo, ou seja, mirar na graça e acertar a desgraça, mirar na castidade e acertar a promiscuidade, a prostituição.

Sempre encontraremos em nossa vida alguém ou alguma situação para nos impulsionar aos erros ou fracasso, e é comum sentir que uma pessoa ou uma circunstância nos impede de transformar nossos erros em acertos.

O importante é perguntar-se sempre se fez o melhor que poderia ter feito, não ter medo de admitir as falhas e procurar não errar novamente.

Como diz a canção:

*Não tenhas medo de crescer,
nem medo de aprender.
Contigo estarei,
jamais tua causa abandonarei.*
(“Não tenhas medo” – Dunga)

É como se tornar um exímio motorista. Quando nos sentamos pela primeira vez em frente ao volante, talvez nos deparemos com uma barreira enorme, mas, conforme vamos tentando e persistindo, acabamos descobrindo que dirigir, ainda que na mais movimentada das avenidas, pode se tornar um ato tão natural quanto caminhar na praia.

Podemos errar muitas vezes, mas isso nunca será o fim para nós, cristãos, porque em Cristo, se erramos com alguma intenção de acertar, já é o certo, e mesmo os que falham nunca serão simplesmente fracassados.

“Por sua paixão, Cristo livrou-nos de Satanás e do pecado. Ele nos mereceu a vida nova no Espírito Santo. Sua graça restaura o que o pecado deteriorou em nós” (§1708)[13](#).

“Aquele que não cometeu pecado, Deus o fez pecado por nós, para que nele nos tornemos justiça de Deus” (2Cor 5,21).

Até o fim de nossos dias, com certeza falharemos muitas e muitas vezes, e independe do cargo que ocupamos onde trabalhamos, do que já enfrentamos no nosso caminho rumo à santidade, de nossa experiência com Jesus ter sido há um, dez, vinte anos. O importante é acreditar que nunca seremos um fracasso e não culpar os outros pelos nossos erros.

É bom lembrar que sentir o peso de seu erro é algo positivo, pois quando erramos e continuamos tranquilos, sem pesos na consciência ou confortados com a ideia de que a culpa não é nossa, somos vítimas de uma tática do demônio, de um vício ou de uma doença espiritual que nos leva sempre a colocar a culpa de um determinado ato em outra pessoa, para não nos preocuparmos com as consequências que ele pode gerar.

O importante é manter-se sempre no caminho e lembrar-se sempre que esse caminho se faz quando estamos dispostos a caminhar. Caminhar é preciso, e, neste caminho, devemos nos perguntar sempre se cada coisa que fizemos não poderia ter sido um pouquinho melhor. A crítica leva à melhoria.

“Se reconhecemos os nossos pecados, então Deus se mostra fiel e justo, para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça” (1Jo 1,9).

O dicionário nos ensina que a CULPA é sinônimo de um pecado e que CULPAR significa lançar a culpa sobre, incriminar, acusar. ERRAR significa desacertar.

Mas a Palavra de Deus nos fala: “Ele é a oferta de expiação pelos nossos pecados, e não só pelos nossos, mas também pelos pecados do mundo inteiro” (1Jo 2,2).

“Nisto consiste o amor: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi ele que nos amou e enviou o seu Filho como oferta de expiação pelos nossos pecados” (1Jo 4,10).

Reze comigo agora:

Senhor Jesus, Tu sabes tudo de mim.

Sabes que muitas foram as vezes em que errei e que ainda erro.

Muitas foram as vezes em que busquei, mesmo que tomado(a) pelo medo, um culpado para os meus pecados.

Tudo que Te peço, Senhor, é a graça de reconhecer os meus erros, os meus pecados e não mais querer os outros culpar.

Amém.

Saxofone — paixão à primeira vista

Já se passaram quase trinta anos desde a primeira vez em que vi e escutei bem de perto aquele instrumento maravilhoso. Parece que foi ontem, porque aquela imagem e sons ficaram gravados nitidamente em meus olhos, ouvidos e coração.

Foi em um lindo entardecer de um sábado de verão, em 1984.

Como a maioria dos jovens, eu também tive aquela fase de querer buscar lugares e coisas diferentes. Tinha quinze anos e já levava, não por escolha, mas por necessidade, uma vida independente: morava sozinho em um pequeno quarto no fundo da casa de um amigo na cidade de Linhares, ES. Algo que não recomendo a nenhum(a) jovem, pois a casa dos nossos pais sempre foi e sempre será o melhor lugar do mundo para vivermos até a hora de sair, pelo motivo certo, ou seja, por causa do estudo, trabalho ou casamento.

Naquela época, eu tentava nos finais de semana fazer algo diferente em busca de adrenalina, e tive a maravilhosa ideia de passar a virada de ano trabalhando em alguma casa noturna na praia de Itaúnas, ES, ou de fazer artesanato na calçada da igreja na cidade de Conceição da Barra, no litoral do estado.

Infelizmente, não consegui arrumar nenhum lugar que me desse serviço naquele final de semana, então acabei ficando a “Deus dará”, e Ele deu.

Estava meio triste e decepcionado com a situação em que me encontrava; estava sem nem um tostão no bolso, sem rumo e disposto a qualquer proposta. Foi quando pensei em andar pelas dunas na praia de Itaúnas.

Lá estava eu, meio perdido e brigando com Deus (quase sempre culpamos Deus por tudo que nos acontece). Mesmo na minha ignorância, de uma forma ou outra, sempre conversei com Ele. Naquele dia, eu falava assim:

– Pô, Deus, acho que Você não existe. Ou se existe, não me conhece. Ou se conhece, nunca está de acordo com o que eu faço ou quero fazer. Você sabe que se as coisas continuarem assim, eu vou acabar roubando, virando um traficante ou coisa parecida. Deus, não quero virar um bandido ou coisa parecida. Então por que Você não muda o rumo da minha vida?

Pela minha ignorância, mal sabia que estava fazendo uma linda, verdadeira e sincera prece ao Senhor e que Ele estava respondendo.

Repentinamente, escutei um som diferente e, ao mesmo tempo, tão belo que, por um instante, achei que estava pirando, pois havia acabado de fumar um “baseado” (cigarro de maconha).

Comecei a escutar um som que vinha do alto das dunas, nada mais nada menos que o som de um sax tenor interpretando, de uma maneira bem *blues*, com suas notas longas, a oração de São Francisco. O músico que o tocava o fazia com tanta dedicação e profundidade que a melodia parecia vir do Céu.

Naquele momento, me veio à memória o tempo em que, quando mais criança, ia ao catecismo, e lá a *tia* ensinava-me essa música, cujo o refrão era assim:

*“Ó mestre, fazei com que eu procure mais
consolar que ser consolado.*

Compreender, que ser compreendido.

Amar que ser amado.

*Pois é dando que se recebe,
e perdoando que se é perdoado.*

*E é morrendo que se vive
para a vida eterna.”*

Fui me aproximando e, ao chegar perto, fiquei ali parado, vendo e escutando o que se tornaria minha paixão para sempre.

Foi amor à primeira vista. Nunca tinha escutado e visto um saxofone de perto. Só sei que, de repente, o homem parou de tocar e me perguntou:

– Quer tocar um pouquinho?

– Hoje não – eu sorri e respondi –, mas um dia vou fazer essa cena se repetir.

– Você conhece música?

Respondi com outra pergunta: – É a oração de São Francisco, né?

Ele riu ao responder: – A música que eu estava tocando era, mas a pergunta que eu fiz não.

Ele estava perguntando se eu entendia de música, se sabia tocar.

– Ainda não entendo muito – eu disse, sorrindo –, mas um dia também vou entender. Essa música é de igreja, né?

– Mais ou menos isso. – respondeu ele – Para mim, é mais uma música abençoada que gosto. Gosto muito dela. Ela me traz paz.

– Então, por favor, – pedi – toque outra vez.

E, com muito carinho, ele tocou bem pausadamente a oração de São Francisco, e quando acabou falou assim:

– Se você quiser, um dia poderá tocar assim e para Deus. Faça isso por mim.

Não sei por que, mas seus olhos, naquele momento, se encheram de lágrimas. Não entendo até hoje o porquê.

Alguma coisa aconteceu em mim naquele momento, foi amor à primeira vista por aquele instrumento e, ao virar as costas, me imaginei com um saxofone pendurado no pescoço, tocando em algum lugar a oração de São Francisco.

Muitas coisas aconteceram em minha vida depois daquele final de semana e, com o passar dos anos, desde aquele dia, ficou viva em mim a vontade de me tornar um saxofonista.

O tempo foi passando e eu nunca me esqueci daquele dia em que Deus falou comigo. Hoje sou um saxofonista profissional, e uma das músicas que mais gosto de tocar no saxofone tenor é a oração de São Francisco. Tive a graça de gravá-la naquele mesmo arranjo no sax tenor ao som das ondas e gaivotas, no CD intitulado *Som do céu vol. II*.

Mesmo depois de tê-la gravado, até hoje meus ouvidos a escutam sendo tocada por aquele homem na praia, que nunca mais vi e que Deus usou para falar comigo e me despertar para o dom de tocar saxofone.

Essa foi só uma das várias vezes em que Deus se fez presente e falou comigo em minha vida, mesmo que eu achasse que Ele nem existia.

Escrevi isto para confirmar a você, que agora está lendo, que realmente DEUS EXISTE e sempre nos fala, pergunta, responde. Ele sempre está por perto. O problema é que insistimos em não vê-Lo, escutá-Lo, ou esperamos que Ele apareça de forma esplendorosa e apoteótica. Esquecemo-nos de que Ele tem predileção pelo simples, pelo silêncio e pelo pouco.

Ah, por uma coisa em especial Ele tem preferência: nossa verdade. Lembra da minha conversa com Ele? Aquelas palavras que falei a Ele eram a minha verdade naquele dia.

“Deus, não quero virar um bandido ou coisa parecida. Então por que você não muda o rumo da minha vida?”

Após me tornar músico profissional, acabei me esquecendo que, em nossa primeira conversa, Ele me falou:

“Faça isso por mim.”

Eu não prestei muita atenção no que Ele me pedia quando falou. Hoje, não por mérito, mas por graça, após muitos anos como músico profissional, posso dizer que escutei e estou obedecendo a Sua voz.

Sou um saxofonista, toco exclusivamente para Ele e por Ele, e Ele tem cuidado de mim, pois somos, há tempos, grandes amigos.

Fique atento. Ele pode ter falado com você ontem, ou estar falando agora. Quando você for falar com Ele, fale somente a verdade.

Lembre-se, isto não é uma peça de comédia ou tragédia, é cristianismo do mais legítimo grau, e você não ficará sem uma resposta concreta de Deus ou sem Sua intervenção.

Ele nunca vai lhe questionar sobre o que você fez, mas vai perguntar:

“Meu filho(a), o que queres que Eu faça por você agora?”

Isso aconteceu comigo. E recomeçar e refazer qualquer coisa em Deus e com Ele é possível.

Eu acredito e dou testemunho dessa verdade com minha vida, pois o que parecia ser impossível para mim, em Deus foi possível.

“Pois para Deus nada é impossível” (Lc 1,37).



2011 - Brás Oss na missão -
evangelização através da música.

O nascer das canções

Sempre fui amigo da madrugada, sempre gostei de rezar durante esse período. Gosto da madrugada por seu silêncio em meio aos sons isolados e solitários, sua poesia, melodias e harmonias próprias.

Para mim, sempre foi uma rotina acordar por volta das 3h00. Meu relógio biológico acostumou-se com este despertar natural porque desde pequeno eu trabalhava à noite.

Quase toda madrugada, mesmo quando durmo tarde, por volta das 3h00, o relóginho bate. Por um tempo, me revoltei com esse “costume”, até o dia em que aprendi a conviver com ele.

Afinal, se temos um problema e não temos a fórmula para resolvê-lo, o melhor a fazer é aprender a conviver com ele; ou seja, se a adversidade bater à porta, é melhor abrir, convidá-la a entrar, analisá-la e tentar colher o que ela pode oferecer de bom para você. É como cicatrizes: por mais que a medicina tente, cicatrizes serão sempre cicatrizes.

Assim também acontece com as adversidades, as barreiras e os problemas da vida.

Mas em Deus, e com muito esforço próprio, podemos transformar estas barreiras e diferenças em lições, vitórias e até em poesias e canções.

Em uma dessas madrugadas em claro, firmei um propósito com Deus. Sempre que eu acordasse, esse seria o nosso momento de maior intimidade.

Já que Ele é o médico dos médicos, o inspirador de toda obra de arte, este seria, então, o melhor horário para meu tratamento e para remoção das cicatrizes da minha vida e alma.

Em nosso trato, pedi para que quando eu perdesse o sono e acordasse na madrugada, Ele não me deixasse passando horas em branco no meio da escuridão. Para tanto, fiz esta oração:

Senhor, minha vontade agora é de voltar a dormir e acordar somente pela manhã, não quero levantar.

Não quero passar horas em claro já que, neste exato momento, normalmente quase todos estão dormindo.

Senhor, por que eu estou acordado agora?

Ele nunca me respondia, e eu sempre levantava, ligava a televisão, pegava um livro, ia para a cozinha ou acabava fazendo algo típico de pessoas com insônia.

O problema era quando não tinha vontade de fazer nada e acabava passando horas em branco.

Foi quando troquei o “*por que*” por um “*para que*” que passei a perceber que Ele podia e queria me falar com o silêncio. Foi aí que me veio a inspiração da oração e adoração na madrugada.

Comecei a ir à capela do Santíssimo; eu morava a poucos metros de uma capela na Canção Nova. Era só acordar e correr para lá. Normalmente, um rapaz solteiro, de 29 anos, músico, vindo de uma vida rotineira de pecado e noitadas, não iria ficar pensando em borboletas, carneirinhos ou passarinhos nestas horas; pelo menos não eram esses os meus pensamentos.

Em minhas visitas à capela, era uma monotonia só. Vivía todas as noites em monólogo.

Chegava lá, olhava para o Santíssimo, Ele olhava para mim e só isso.

Foram várias as vezes em que eu disse:

– Olha, Jesus, este banco aqui ao meu lado deve estar sentindo mais a Sua presença do que eu agora.

Muitas vezes eu chorava, lembrava de coisas, sentia vontades, saudades, e Ele só no silêncio, até um dia em que eu cheguei lá e rezei assim:

Jesus, ouvi dizer que, quando as pessoas vão à praia para pegar um sol e se bronzear, tudo que elas fazem é se expôr a ele e os seus raios de calor as queimam.

Jesus, Tu és a luz maior que o Sol, luz que clareia toda escuridão, toda treva.

Sei que em silêncio Tu me escutas e podes curar com os raios de Tua misericórdia toda minha história, perdoar meus pecados, meus “eu não entendo”, medos e traumas.

Podes remover as cicatrizes da minha alma.

Podes curar e dar uma direção nova para minha vida. Mas, por favor, Senhor, fala comigo, porque Teu silêncio me custa.

Senhor, me desculpe, mas andei até pensando em tirar minha própria vida nestes dias.

Senhor, preciso de uma direção, fala-me.

Chorei muito naquela noite, na capela, a ponto de os vasos sanguíneos do meu nariz dilatarem e sangrarem.

Aos prantos, peguei papel e caneta e, rezando em frente ao santíssimo, nasceu uma poesia/canção que amo muito:

Ah, quisera eu agora, compor e cantar pra você, Senhor,

A melhor e mais bela poesia que falasse só de amor

Ah, quisera eu por só um instante, dizer-te que não há dor.

Silenciar num grito meu amor.

Senhor, escuta meu silêncio, são palavras de amor.
Se eu não souber o que fazer, faça por mim e em mim.
Senhor, se eu não souber o que falar, fala por mim e em mim.
Senhor, se eu não souber cantar, canta por mim e em mim.
Senhor, se existirem lágrimas, são meus versos de amor.
(“Quisera eu”)

Com o tempo, comecei a observar e entender que por meio das orações sinceras que eu fazia naquelas horas de solidão e silêncio na capela, orações que soavam como monólogo em meu interior, ou como uma peça de comédia e tragédia em um teatro sem plateia, Deus me ouvia e me levava a sério. Aquela capela, ao invés de teatro, sempre foi um pedaço do Céu aberto a mim, lotado de anjos dispostos a me guardar junto à sombra do Altíssimo e a me curar de dentro para fora com os raios de misericórdia que jorravam do sacrário em meio às minhas lágrimas.

Comecei a perceber que Ele sempre esteve e estará comigo, não só nos momentos de orações e adoração, mas em todas as situações de minha vida.

Naqueles momentos de adoração na capela, em especial, entendi que, como os raios do sol queimam, Ele, com seus raios de amor e misericórdia, sempre me atingia, perdoava meus pecados, curava e removia minhas cicatrizes. Com Seu silêncio, sempre me falou e me presenteou, dando-me a graça de transformar insônia, dor, histórias, meus “não entendo, mas aceito”, minhas lágrimas e minhas orações ditas e escritas em silêncio em palavras que podem virar poesias, composições e até capítulos de um livro.

Assim acontece o nascer das minhas canções.

Para terminar

Um dia, ao voltar para minha casa depois de uma missão de quinze dias na Europa, ganhei um carinho especial de Deus, que jamais esquecerei, por meio de minha pequena filha, Sophia, de apenas três anos.

Minha esposa e ela foram me encontrar na estrada na volta do aeroporto para casa. Quando as vi, vivi um sentimento muito rico, me senti verdadeiramente amado por elas. Posso dizer aqui que vivi o AMOR e a SAUDADE na prática.

Ao nos encontrarmos, abraçamo-nos, beijamo-nos e, claro, foi inevitável impedir que umas lágrimas de alegria escorressem por meu rosto.

Voltei a lembrar de imediato de meu amigo, irmão e poeta, Nelsinho Corrêa.

Só se tem saudade

do que é bom.

Se chorei de saudade não foi por fraqueza.

Foi porque amei.

(“Saudade” – Nelsinho Corrêa)

Ainda dentro do carro, na volta para casa, minha filha Sophia me falou:

– Papaizinho, que bom que você voltou para nós. Mamãe e eu estávamos com muita saudade. Agora, nós vamos para nossa casa, comer pizza com suco de uva, tomar banho e depois você conta

uma história para mim, na sua cama, junto com a mamãe, quando a gente for dormir. “Tá” bom? Amanhã, depois de acordar, nós vamos passear com o cachorro, dar comida para as galinhas e você vai me buscar na escola, e depois você conta outra história para a Sophia.

Com os olhos cheio de lágrimas, e uma enorme vontade de chorar, mas rindo muito por dentro, perguntei a ela:

- Qual Sophia?
- Eu, a Sophia do papai.
- E qual história você quer que eu conte?
- A dos três ursos.
- Mas eu já lhe contei essa história, minha filha.
- Tudo bem, pai, você pode usar a imaginação.

Dei um beijo demorado nela, dei e ganhei um sorriso e falei: – Tudo bem, minha filha, mas você precisa me ajudar, “tá” bom?

- Claro, papai, eu vou ajudar porque você é o meu melhor amigo.

Fizemos, e sempre faço, tudo isso ao chegar em casa. Ao voltar de uma missão, seja ela qual for e de onde for, essa cena se repete.

Comemos pizza com suco de uva, brincamos juntos na cama, contamos histórias, dormimos e acordamos no outro dia.

Ela sempre acorda primeiro que eu, vê o clarão da manhã na janela, me “cutuca” e fala:

- Acorda, papai, já é um lindo dia.

Às vezes, eu levanto, pego-a nos braços, vamos até a janela, e ela fala: – Bom-dia, lindo dia.

Algumas vezes, eu finjo que estou com sono, falo que está frio e peço a ela para deitar um pouquinho mais comigo na cama.

Ela me diz: – Está bem. Mas a gente pode brincar de circo embaixo da coberta?

- Claro que sim, minha filha.
- Pai, você pode contar uma história?

– Sim. Mas qual história?

– A dos três ursos.

– De novo?

– Pai, usa a imaginação.

E assim faço tudo de novo.

Sei que o tempo vai passar, ela vai crescer e eu já vou estar meio idoso; pode ser que eu nem esteja mais junto com ela e com sua mãe, mas sei, também, que a historinha dos três ursos ela nunca vai esquecer.

Mas, além da história dos três ursinhos, ela vai poder contar para os seus filhos a história de um menino que nasceu no interior, conheceu e experimentou a tristeza do jeca, foi um vendedor de sonhos e príncipe, sonhou em ser *cowboy* de rodeios, presenciou a morte de seu pai, teve uma vida cheia de adversidades desafiadoras, nunca culpou os outros por nada, foi um músico conhecido que levava a Palavra de Deus por onde passava, aprendeu a perdoar e descobriu que isso faz bem à saúde, teve um encontro pessoal com Jesus, redirecionou toda sua vida ao conhecer sua mãe, sempre foi muito feliz, achava sempre algo positivo no dia, mesmo em meio às dificuldades que se apresentavam e sempre foi um mestre em transformar as barreiras e diferenças em realizações e vitórias.

“Pois para Deus, nada é impossível” (Lc 1,37).

Ao longo de minha caminhada junto ao ministério de música na Canção Nova, ao participar dos encontros, nunca deixei de ter ao meu lado um kit que denomino de “primeiros socorros para um leigo”, ou seja: Bíblia, caderno e caneta.

Nunca me esquecerei de uma frase do nosso saudoso e bem-aventurado padre Rufus Pereira:

É muito importante anotar o que ouvimos, pois quando anotamos/escrevemos o que estamos ouvindo, nosso coração

absorve e nossa mente grava sete vezes mais do que se apenas ouvíssemos.

Em minhas anotações, dois versículos bíblicos me acompanham:

“Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão dadas por acréscimo” (Mt 6,33).

“Pois para Deus nada é impossível” (Lc 1,37)

Inclusive, foi neste versículo de São Lucas que descobri que a palavra possível está dentro da palavra impossível, que inspirou o título deste livro.

Nunca desista de seus sonhos, eles são seus e você deve lutar por eles. Volto a dizer: eles são os seus sonhos.

Lembre-se sempre que uma vida feliz e em paz é possível independentemente de riquezas materiais e ausência de problemas.

Tem gente que é tão pobre que só tem dinheiro e bens materiais para contar e administrar.

Mas tem gente que é tão rica que às vezes tem “somente” Deus para chorar suas dores.

Você é um projeto perfeito do Senhor e nasceu para dar certo.

Acredite e nunca desista, independentemente de qualquer coisa, porque Deus sempre acreditou em você e nunca deixará de estar ao seu lado. Ele nunca desistirá de você.

Recomece quantas vezes for preciso, isso é uma arte e riqueza incalculável aos olhos e coração de Deus. Mas não esqueça que Deus não fará por você o que você pode e deve fazer por si mesmo.

Se sua decisão for verdadeira, e sincera for sua oração, Ele vai capacitá-lo e o abençoará.

Nunca se sinta incapaz de nada, e, se isso acontecer, lembre-se que Ele capacita os Seus escolhidos.

“E Deus, não fará justiça aos seus escolhidos, que dia e noite gritam por ele?” (Lc 18,7).

Busque sempre a santidade em sua vida, porque o nosso Deus é santo e fiel.

Duas coisas nos são necessárias para sermos santos: fazer o Deus quer e querer o que Deus faz conosco.

Filho, se te apresentas para servir a Deus, permanece na justiça e no temor e prepara tua alma para a provação. Mantém o teu coração firme e sê constante, inclina teu ouvido e acolhe as palavras inteligentes, e não te afobes no tempo da contrariedade (Eclo 2,1-2).

Que Deus o abençoe, lhe mostre a Sua face e o faça feliz.
Porque a Ele nada é impossível.

[1](#) As citações bíblicas deste livro foram retiradas da Bíblia Sagrada, tradução da CNBB, 8ª edição.

[2](#) A palavra saudade é considerada um idiotismo linguístico, o que significa que não há palavras equivalentes em outros idiomas. Uma pesquisa realizada pela empresa *Today Translations* com tradutores de todo o mundo, em 2004, classificou o termo como o sétimo mais difícil de traduzir.

[3](#) Misto de tênis e chuteira.

[4](#) Tênis produzido com lona e borracha.

[5](#) Período escolar que compreendia da quinta até a oitava série do Ensino Fundamental.

[6](#) Tênis de baixo custo, com cadarços e sola de borracha.

[7](#) Presidente da *Peak Learning*, empresa de consultoria global.

[8](#) A teoria defende que a capacidade de resistir a adversidades é uma forma racional de transformar fraquezas em vantagens. De acordo com o QA, quando uma pessoa resiste às adversidade, torna-se uma vencedora, capaz de transformar dificuldades em estímulos.

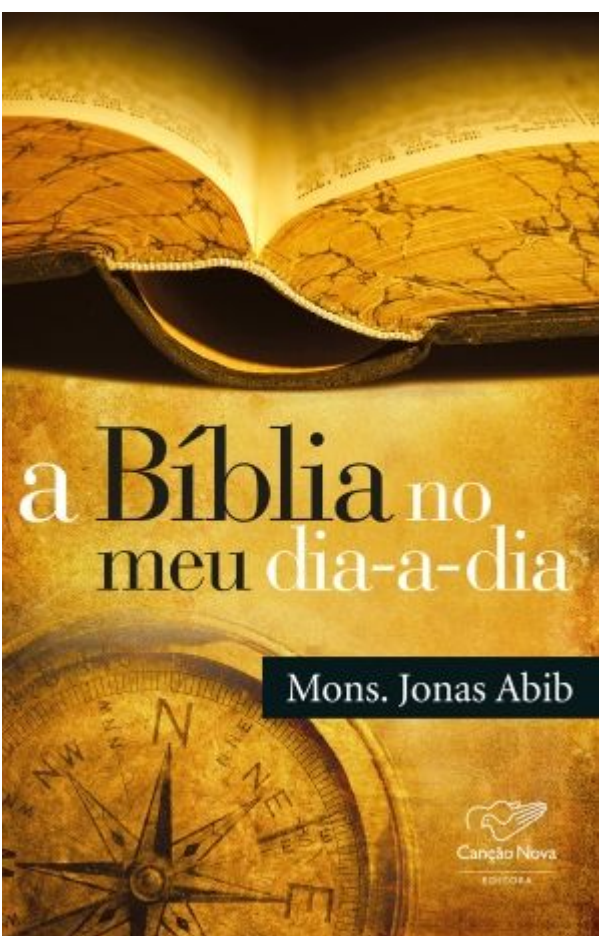
9 MINHA VIDA. Reações emocionais negativas servem de gatilho para o câncer. *Net*. Disponível em: <<http://www.minhavidacom.br/bem-estar/materias/1454-reacoes-emocionais-negativas-servem-de-gatilho-para-o-cancer>>. Acesso em: 26 nov. 2012.

[10](#) Lorena: Cléofas, 2005.

[11](#) Capacidade ou ação de fazer milagres.

[12](#) Catecismo da Igreja Católica.

[13](#) Idem.



A Bíblia no meu dia-a-dia

Abib, Monsenhor Jonas

9788576774884

121 páginas

[Compre agora e leia](#)

A Palavra de Deus, materializada no livro da Bíblia, é uma dádiva para toda a humanidade e para cada um de nós, de maneira muito especial. Contudo, a fim de crescermos em amor com relação à Palavra, é preciso treino e persistência. Em A Bíblia no meu dia-a-dia, Monsenhor Jonas Abib apresenta um excelente método capaz de nos fazer vencedores nessa tarefa. É um "livro de receitas" para todos aqueles que desejam o conhecimento da Palavra de Deus, a intimidade com o seu coração e um encontro verdadeiro com o Senhor.

[Compre agora e leia](#)



Márcio Mendes

30
MINUTOS
PARA MUDAR
O SEU DIA

Quando uma simples oração
pode transformar absolutamente tudo

30 minutos para mudar o seu dia

Mendes, Márcio

9788576771494

87 páginas

[Compre agora e leia](#)

As orações neste livro são poderosas em Deus, capazes de derrubar as barreiras que nos afastam Dele. Elas nos ajudarão muito naqueles dias difíceis em que nem sequer sabemos por onde começar a rezar. Contudo, você verá que pouco a pouco o Espírito Santo vai conduzir você a personalizar sempre mais cada uma delas. A oração é simples, mas é poderosa para mudar qualquer vida. Coisas muito boas nascerão desse momento diário com o Senhor. Tudo pode acontecer quando Deus é envolvido na causa, e você mesmo constatará isso. O Espírito Santo quer lhe mostrar que existe uma maneira muito mais cheia de amor e mais realizadora de se viver. Trata-se de um mergulho no amor de Deus que nos cura e salva. Quanto mais você se entregar, mais experimentará a graça de Deus purificar, libertar e curar seu coração. Você receberá fortalecimento e proteção. Mas, o melhor de tudo é que Deus lhe dará uma efusão do Espírito Santo tão grande que mudará toda a sua vida. Você sentirá crescer a cada dia em seu interior uma paz e uma força que nunca havia imaginado ser possível.

[Compre agora e leia](#)

Márcio Mendes



*Passos
para a cura
e libertação
completa*

Passos para a cura e libertação completa

Mendes, Márcio

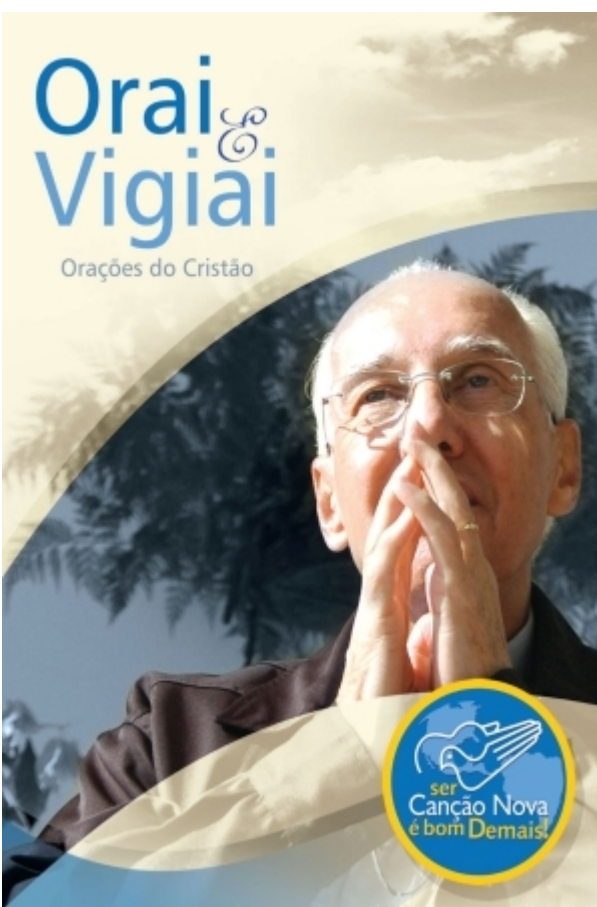
9788576779667

208 páginas

[Compre agora e leia](#)

Este livro vem em auxílio de pessoas necessitadas de cura física, cura interior e libertação, mas também àqueles que, já maduros na fé e na caminhada, sentem-se chamados a orar pelas pessoas que sofrem e precisam de cura e libertação completa, a começar pela sua família. Para todo o tipo de cura do espírito, tenha em mãos o exemplar que te levará para longe de todas as armadilhas do demônio!

[Compre agora e leia](#)



Orai e Vigiai

Abib, Monsenhor Jonas

9788576777977

15 páginas

[Compre agora e leia](#)

Jesus orava sem cessar, Ele era íntimo do Pai. Observamos isso em várias passagens do evangelho que Ele tão profundamente anunciou. É preciso que também nós busquemos essa intimidade, por isso a Canção Nova, ao completar seus 30 anos a serviço da evangelização, coloca em suas mãos este pequeno livro com algumas das mais tradicionais orações da Igreja Católica. Elas são como uma seta que indicam o caminho que deverá conduzi-los a uma outra oração, aquela que brota do coração, e se abre a ação do Espírito Santo.

[Compre agora e leia](#)

Dra. Gisela Savioli

ESTRESSE, ANSIEDADE E DEPRESSÃO



Como prevenir e tratar
através da nutrição


Cangiao Nova
EDITORA

Estresse, ansiedade e depressão

Savioli, Gisela

9788553391004

256 páginas

[Compre agora e leia](#)

Neste novo e impactante livro, Dra. Gisela Savioli explica o motivo pelo qual nossa sociedade está sofrendo tanto dos chamados males do século XXI: estresse, ansiedade e depressão. A autora nos convida a uma viagem pelas últimas décadas, analisando todas as mudanças que nossa alimentação sofreu e suas repercussões na saúde física, psíquica e espiritual, e nos traz a grande novidade do momento: o chamado "eixo intestino- cérebro". Descubra o quanto a alimentação influencia nossos afetos e humores; o quanto uma pessoa bem nutrida consegue administrar melhor o estresse, e compreenda que existem nutrientes que podem alimentar sua microbiota intestinal de forma favorável à sua saúde, inclusive mental.

[Compre agora e leia](#)